



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Rafael Silveira da Silva

Os reflexos da luta no papel: As conexões entre a Tese de Doutorado e o Torto
Arado de Itamar Vieira Junior

Florianópolis
2024

Rafael Silveira da Silva

O reflexo da luta no papel: As conexões entre a Tese de Doutorado e o Torto Arado de Itamar Vieira Junior

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador(a): Prof. Adriano Duarte

Florianópolis

2024

SILVA, Rafael Silveira da

O reflexo da luta no papel : As conexões entre a tese de doutoramento e o Torto Arado de Itamar Vieira Junior / Rafael Silveira da SILVA ; orientador, Adriano Luiz DUARTE, 2024.

73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Torto Arado. 3. INCRA. 4. Itamar Vieira Junior. 5. Quilombolas. I. DUARTE, Adriano Luiz. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos doze dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, no auditório do bloco F do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Adriano Luiz Duarte, Orientador e Presidente, pela Professora Kelly Yshida, Titular da Banca, e pela Professora Maria G. Gatti, Suplente, designados pela Portaria nº 07/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Rafael Silveira da Silva**, subordinado ao título:” **Os reflexos da luta no papel: As conexões entre a Tese de Doutorado e o Torto Arado de Itamar Vieira Júnior**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Adriano Luiz Duarte a nota final 8,0, da Professora Kelly Yshida a nota final 8,0 e da Professora Maria G. Gatti a nota final 8,0; sendo aprovado com a nota final 8,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia dezessete de abril de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 12 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Adriano Luiz Duarte

Prof.a Kelly Yshida

Prof.a Maria G. Gatti

Candidato Rafael Silveira da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Rafael Silveira da Silva, matrícula n.º 18104652, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Os reflexos da luta no papel: As conexões entre a Tese de Doutorado e o Torto Arado de Itamar Vieira Junior, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 12 de abril de 2024.



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 12/04/2024 14:46:13-0300

CPF: ***.451.088-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador(a)

Para minha mãe. E para meu pai, que teria ficado orgulhoso.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os professores que tive em minha trajetória, pois foram vocês que me encorajaram a seguir meu caminho nessa calorosa profissão. Agradeço especialmente ao professor Alexandre, também conhecido como “Xandão”, por ter sido aquele professor de história que te faz querer saber mais sobre a vida e sobre o mundo, e por ter sido a minha principal referência escolar enquanto professor. Agradeço especialmente ao Professor Fábio, ao Professor Waldomiro, a Professora Beatriz e ao Professor Adriano, por terem sido importantes referências para minha vida intelectual e docente, e por ministrarem prazerosas aulas na UFSC.

Agradeço a minha família, presentes ao meu lado desde o início. Dedico esse trabalho para minha mãe, a mulher que me inspirou a estudar e ser quem eu quisesse ser. Obrigado Maristela, Tia Vi, Tia Rita, Tia Zanzi, Tio Edson, Carol, Caio, Victor, JP e Aline, por serem as pessoas que eu sempre pude pedir ajuda e desabafar sem medo de ser julgado, e com a certeza de ser querido e amado. Quisera eu que você pudesse estar lendo isso, meu pai, tenho certeza que você estaria muito feliz com a minha conquista.

Agradeço aos meus amigos, vocês são a alegria do mundo para mim. Sei que vocês vão e voltam, nessa dinâmica curiosa que é a vida. Essa dança que mistura a presença e a ausência é o sal e a pimenta da minha experiência no plano terrestre. Alice, Bruna, Erick, Gabi, Helena, Michel, e Pâmela, vocês estão condenados a serem amados para sempre, pela pessoa que sou, e pelas muitas que ainda serei. Agradeço ao Renan, Menna, Murillo, Netto, Thierry e Michel, por terem sido meus parceiros, em momentos diferentes, nessa jornada que é a universidade. Vocês são muito importantes para mim! Maduzinha, João Davi, Dani, Lívio, Carlos, Kami e Marie, vocês são pessoas tão ímpares que eu não consigo descrever direito, e por isso merecem toda a minha admiração e o meu carinho, pois junto a vocês tudo é muito diferente e dinâmico. Obrigado por serem as pessoas que vocês são, únicos e afáveis.

Agradeço aos meus empregadores: Bruna, Daniel Nunes, Mari, Gui e Huanan. Consegui trabalhar durante minha graduação e produzir meu sustento por conta das oportunidades, e sou infinitamente grato por isso. Ao Marcelo Labes, gratidão por ter me inspirado com sua literatura. Caetano, Bethânia, Milton, Cássia, Chico, Gal, Djavan, Rita, Jorge Ben, Andre Matos, Brown, Drexler, Ney e Mercedes, vocês foram os sons que embalaram minha vida e minha escrita. Sou grato! Mil vezes!

Para Thaís, minha pequena, ficam as juras de amor e gratidão por tudo...

RESUMO

A pesquisa busca investigar a ligação e as possíveis influências que podem ser traçadas entre a Tese de Doutorado de Itamar Vieira Junior e o seu primeiro romance, Torto Arado. De um lado, um romance internacionalmente premiado, e do outro, uma tese de doutorado que não é muito mencionada nem pelo autor, nem pelos seus múltiplos entrevistadores e comentadores ao longo dos anos. A questão analisada é a intersecção entre os dois trabalhos, a tese que foi defendida em 2017 e o livro que foi publicado pela primeira vez em Portugal em 2018, e em 2019 no Brasil. Ao longo da pesquisa, apresentamos a trajetória de Itamar Vieira Junior enquanto intelectual, pesquisador e servidor do INCRA, atuando na área de regularização de terras de comunidades quilombolas, e o quanto isso parece ter influenciado em sua premiada escrita. As principais fontes analisadas foram a tese do autor e seu primeiro romance, e a principal metodologia do trabalho é a comparação. De forma secundária, são utilizados artigos que corroboram as reflexões propostas pelo autor das obras, entrevistas que orbitam o autor e o romance enquanto temática, críticas, resenhas e entrevistas. A partir disso, é realizada uma interlocução com áreas que dialogam com o campo dos estudos históricos, como a literatura e seus estudos literários, e o jornalismo. Os resultados evidenciam uma aproximação temática profunda entre a tese de doutoramento do autor com seu premiado romance Torto Arado, evidenciando, nesse caso, uma inseparabilidade entre a produção acadêmica e a produção literária, formas de escrita que normalmente alcançam proporções diferentes de divulgação e consumo.

Palavras-chave: Torto Arado; Itamar Vieira Junior; INCRA; Comunidade Quilombola.

ABSTRACT

The research seeks to investigate the connection and possible influences that can be traced between Itamar Vieira Junior's doctoral thesis and his first novel, "Crooked Plow". On one hand, we have an internationally awarded novel, and on the other, a doctoral thesis that is not often mentioned either by the author or by his various interviewers and commentators over the years. The analyzed question is the intersection between the two works, the thesis defended in 2017 and the book first published in Portugal in 2018, and in Brazil in 2019. Throughout the research, we present Itamar Vieira Junior's trajectory as an intellectual, researcher, and employee of INCRA, working in the field of regularization of quilombola lands, and how this seems to have influenced his award-winning writing. The main sources analyzed were the author's thesis and his first novel, and the main methodology of the work is comparison. Secondly, articles that corroborate the reflections proposed by the author of the works, interviews revolving around the author and the novel as themes, critiques, reviews, and interviews are used. From this, an interlocution is made with areas that dialogue with the field of historical studies, such as literature and its literary studies, and journalism. The results highlight a deep thematic approximation between the author's doctoral thesis and his award-winning novel "Crooked Plow," evidencing, in this case, an inseparability between academic production and literary production, forms of writing that usually reach different proportions of dissemination and consumption.

Keywords: Crooked Plow; Itamar Vieira Junior; INCRA; Quilombo Community.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

UFBA – Universidade Federal da Bahia

DOU- Diário da União

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A TESE	23
2.1	A VIOLÊNCIA	33
2.2	O COTIDIANO	40
3	O ROMANCE	49
3.1	A HISTÓRIA.....	53
3.2	AS CONEXÕES.....	59
4	CONCLUSÃO	64
	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

O interesse por pesquisar história e literatura começa em 2021, quando a demanda de fazer um trabalho sobre História de Santa Catarina cruza com o processo pessoal de leitura do livro “paraíso-paraguay”. Este é o Romance de estreia de Marcelo Labes, escritor catarinense vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020 e do Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional em 2021. Ele narra a história da colonização alemã em Santa Catarina, focando na história de uma família cujo sobrenome é inexistente, aparecendo em lacunas durante todo o texto. Repleta de contextos históricos factualmente conferíveis, da pobreza e ignorância do imigrante pobre (SPERB, 2021), a trama se desenvolve através de tempos sobrepostos, identificáveis através da análise de seus elementos constitutivos, que demarcam suas periodicidades e localidades. O protagonismo feminino na criação dos filhos e da lida diária na propriedade, contrastada com ausência da paternidade, causada em partes pelo excesso de trabalho fabril e do consumo desenfreado do álcool, são intersecções temáticas advindas tanto do romance quanto da historiografia, consultada para a conclusão da disciplina de História de Santa Catarina, no segundo semestre letivo do ano de 2021.

Com a bibliografia especializada cruzando-se às múltiplas informações trazidas pelo romance de Labes, a pesquisa em história e literatura se abre nos horizontes de expectativa enquanto possibilidade de pesquisa, e disso, alguns trabalhos, projetos e apresentações são desenvolvidos, sempre buscando na literatura uma forma na qual a sensibilidade possa se tornar parte constitutiva do processo de aprendizagem. Em entrevista concedida para o jornal Brasil de Fato, publicada em novembro de 2023, Itamar Vieira Junior argumenta que a ficção pode ter a potencialidade de nos causar efeitos, tais quais os de nos colocarmos no lugar do outro, fazendo possível uma situação de compreensão mútua (MARKO, 2023). Essa sensibilidade, propiciada não só pela capacidade de nos conectarmos com os personagens e seus contextos, também está contida na própria escrita sensível de alguns escritores. Essa foi uma aprendizagem importante, que culminou na produção de alguns trabalhos, este incluso.

Outros livros, sobretudo ficções históricas, foram lidos nesse período de conexão intensa com o material literário. Alguns premiados, outros não; alguns com reconhecimento nacional, publicados em grandes e famosas editoras, que participam

da tentativa de monopolizar a produção do cânone literário, e outros, publicados em editoras menores, fruto de muita colaboração social, para que pudessem sair do papel e se tornarem contribuição socializada. Em meio a tantas referências, *Torto Arado* foi uma dessas obras. Um romance de destaque para público e mídia, que tinha a proposta de contar a história de uma comunidade que lutava pelo direito de viver em terras que deveriam ser de sua propriedade. Foi escrito por Itamar Vieira Junior, “pessoa-objeto” que é o nosso foco de pesquisa, e mesmo Itamar se considera uma pessoa-objeto de estudos, e frisa isso por muitas vezes em sua tese de doutorado intitulada “Trabalhar é tá na luta”: vida, morada e movimento entre o povo da luna, Chapada Diamantina”, publicada em 2017, antes do lançamento de seu romance em solos portugueses, e dois anos antes da primeira publicação em solo brasileiro (MARCELO, 2020).

Na tentativa de delinear um tema mais específico para a pesquisa, foi realizada uma análise da trajetória acadêmica de Itamar Vieira Junior. O objetivo era identificar trabalhos do autor que pudessem estar em consonância com a temática de seu livro “*Torto Arado*”. Em meio a essa busca, foi descoberto um trabalho de grande relevância, comparável a um diamante bruto, que simboliza luta, trabalho e suor.

Como mencionado anteriormente, Vieira Junior publicou uma tese de doutorado um ano antes da publicação de seu primeiro romance. Este trabalho acadêmico tornou-se o principal referencial teórico para a pesquisa em questão. O autor, enquanto servidor do INCRA, decidiu aderir ao programa de qualificação da autarquia para realizar o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, na Universidade Federal da Bahia. O objetivo era obter uma formação acadêmica qualificada para lidar com as demandas crescentes nos processos de regularização fundiária em que o pesquisador estava envolvido.

Para fazer sua pesquisa de doutorado, Itamar escolheu a comunidade quilombola da luna, um pequeno agrupamento humano localizado no município de Lençóis, na Chapada Diamantina, nos sertões do estado baiano. Ao perceber suas relações com seus entornos, diagnosticou que a população demandava a posse oficial da terra na qual muitas gerações haviam nascido e morrido, lugar em que muitas gerações haviam de viver e cultivar os seus próprios futuros. A luna era um pedaço de terra cuja força produtiva fincada na terra não vinha dos seus donos oficiais, como tampouco o manejo do seu espaço na manutenção. Sendo um povo que morava numa terra que não lhes pertencia legalmente, viram as legislações e o tempo passar sem

o estado reconhecer que seus contratos de trabalho por moradia um dia deveriam acabar.

No decorrer de sua tese, observamos um pesquisador-objeto que narra e participa de um microcosmos particular do lugar de onde escreve. Indo frequentemente para a comunidade, e por um momento morando em seu território, o autor narra situações, eventos, imagens, festividades, lutas e pesares que são marcantes, e que evidenciam a vida que pulsa desses povos, fruto da sobrevivência e do trabalho. Como técnico do INCRA, um de seus focos era o de vincular o que era feito na comunidade com a necessidade do direito da terra, amarrando os fatos de forma sensível, apontando para a necessidade do reconhecimento da terra enquanto elemento constitutivo para a sobrevivência da comunidade, enquanto espaço e direito.

Através de uma construção narrativa própria, nos é apresentado por Itamar a construção de casas de barro, descritas em oposição as casas de alvenaria que duram e permitem o conforto, e que não são permitidas. Percebemos como o jarê, prática comum a toda a comunidade, enlaça a trama da vida cotidiana com a crença e as práticas da própria religiosidade. Reconhecemos a dificuldade do ato de semear, regar, cuidar, tratar, colher e por muitas vezes perder. Vislumbramos a beleza dos alagados marimbus, do dito doce e belo fruto buriti, do fruto do dendezeiro, e de como o ecossistema alimenta a comunidade, assim como a comunidade alimenta o ecossistema, que funciona em harmonia com o povo que o cultiva, que o habita. Quando o cotidiano é evidenciado, a produção das refeições, o nascimento das crianças, o estudo do clima e da natureza, e a recompensa do trabalho feito para o próprio viver é colocado em destaque.

Escrevendo sobre esses elementos mencionados acima, tese e romance se confundem. O que foi citado previamente diz respeito ao estudo publicado em 2017, pela Universidade Federal da Bahia, num programa de Pós-Graduação multidisciplinar de Estudos Étnico Raciais. A experiência complementar de ler ambos os trabalhos podem ser notáveis. A percepção para tais leitores é a de que ambos os trabalhos são formados por frases de efeito narrativo que se sobrepõe e se entrelaçam numa dança das palavras, que narra não apenas a sobrevivência, mas a vida de uma comunidade que não se esgota tematicamente. Tudo isso indica uma complexidade ímpar de um coletivo que serviu de base para a construção de dois trabalhos diferentes, com premissas e conteúdo que podem ser considerados muito próximos. Através da modulação da linguagem, da transformação do estudo e da memória em

narrativa, e das vivências prévias do estudioso que se diz um pesquisador, nasce um clássico da literatura brasileira: Torto Arado.

Essa hipótese direta e incisiva é o impulso que nos faz pesquisar o que estará desenvolvido nas próximas páginas deste estudo em questão. Sentimos no decorrer da pesquisa que certezas prévias podem e vão sendo repensadas com o acontecimento do próprio ato de pesquisar, mas isso não nos desanimou nem por um instante. Na busca de conseguir dados suficientes para desenvolver uma argumentação coerente com os fatos, consultamos entrevistas, reportagens, portais, documentos oficiais e resenhas, além das bibliografias especializadas. Os caminhos da pesquisa tomaram rumos diferentes a cada nova descoberta, que transformaram o trabalho num corpo coerente, vivo, que deseja vincular literatura e produção acadêmica, de forma complementar e interseccional.

O primeiro capítulo, chamado “A Tese” será o espaço onde as vivências do pesquisador Itamar Vieira Junior enquanto técnico do INCRA e pesquisador da UFBA estarão organizadas e conectadas. É nesse capítulo onde utilizaremos a tese do autor como principal fonte primária, que nos fornecerão os dados sobre as importâncias de sua trajetória. Problematizadas através do cruzamento do que ele escreveu, em conjunto com a bibliografia especializada, emprestada de outros autores que estudaram a relação da humanidade com a terra e da negritude no Brasil, discutiremos sobre como tais realidades atravessam o que é chamado por Itamar enquanto a “luta”, que é também como o autor declara a vida.

Utilizaremos, além da tese em si, diversas reportagens e entrevistas enquanto fonte, buscando evidenciar opiniões, falas do próprio autor, e notícias sobre as temáticas que atravessam a produção da tese e do livro, dando destaque para a denúncia da violência ocorrida na comunidade da Luna enquanto terra de disputa, principalmente entre os anos de 2015 e 2024. As fontes jornalísticas são, nesse contexto, de suma importância, pois colocam publicamente o que está sendo feito e discutido em relação aos povos quilombolas no Brasil, sobretudo aqueles que estão sobre frequentes ataques.

No segundo capítulo, chamado “O Romance”, será onde poderemos dar tratamento especial para a narrativa do livro, utilizando de suas informações e de seus contextos para realizar vínculos, através do método comparativo, com a tese do autor. Num movimento pendular, iremos e voltaremos, da tese ao romance, e do romance de volta à tese, para iluminar os limiares temáticos das obras que consideramos irmãs,

tais quais Bibiana e Belonísia. Através das lentes utilizadas, buscaremos evidenciar os espelhos, para tentar verificar as interfaces dos escritos.

Itamar divide sua tese em cinco capítulos tematicamente lineares, frutos da sua vivência na comunidade ao longo dos meses do ano, evidenciando os saberes sobre a passagem e o entendimento de tempo da própria comunidade. Dessa forma, o autor faz um primeiro capítulo chamado “Morando”, onde parte de dentro das casas e das memórias para fora das paredes que limitam os acontecimentos, investigando a história da ocupação da Chapada através das histórias contadas pelo povo, para o povo.

No segundo capítulo, chamado “Movimentando”, narra os eventos que movimentam a comunidade desde o passado peregrino, até o presente, através do jarê, da luta do trabalhador, e das histórias de todos.

No terceiro capítulo, chamado “Trabalhando”, descreve as práticas produtivas da comunidade, dando ênfase para a agricultura, para a pesca e para a coleta dos frutos.

No quarto capítulo, chamado “Vivendo e morrendo”, é onde Itamar reúne as narrativas sobre a trama da vida se iniciando e chegando ao seu fim, partindo muitas vezes de olhares religiosos, na tentativa de vislumbrar a mesma paisagem teórica que o povo.

No quinto e último capítulo, chamado “Lutando”, o escritor ressalta o momento que a comunidade passava enquanto o trabalho era redigido, evidenciando suas organizações e pensamentos juntos à política pública, visando a aquisição legal do território.

Em seu romance, Vieira Junior divide a história em três capítulos, com títulos tão curtos, potentes e poéticos quanto os da tese, evidenciando a preferência pessoal do autor de colocar suas preferências estéticas, baseadas num vocabulário de pluralidade e sociabilidade, em cada uma de suas produções.

O primeiro capítulo do romance se chama Fio de corte, onde é narrada uma história que conta a infância e o começo da adolescência de Bibiana e Belonísia, personagens principais do livro. Filhas de Salustiana Nicolau e Zeca Chapéu Grande, o curador da comunidade, tiveram a infância marcada pelas intempéries, sendo o acidente doméstico que emudeceu uma das filhas apenas mais um evento trágico da primeira parte do livro. Esse primeiro capítulo é narrado por Bibiana, a filha que escapou da mudez.

O segundo capítulo, chamado “Torto Arado”, é narrado por Belonísia, a filha que emudeceu e que ficou sozinha no mundo após sua irmã ir embora da comunidade, deixando de auxiliar Belonísia na comunicação com o entorno. Sua história parece remeter, não coincidentemente, a situações nas quais a falta de voz feminina é resultado dos efeitos do sistema patriarcal.

O terceiro e último capítulo chama-se “Rio de Sangue”, momento de conclusão da trama da comunidade, narrada em grande parte por Santa Rita Pescadeira, uma entidade encantada que participava das comemorações do jarê.

Bebendo dessas fontes de referência, organizamos os capítulos do estudo buscando interligar de forma triangular a tese, o romance e o presente trabalho. No capítulo primeiro, reuniremos tanto o histórico do pesquisador Itamar quanto o histórico da luna, evidenciando o ponto de encontro entre ambas as histórias, esforço que dialoga diretamente com a introdução e com o primeiro capítulo da tese do autor.

Na sequência, no primeiro subtópico do primeiro capítulo, destacaremos a violência que a comunidade da luna sofreu no passado, e que continua sofrendo no presente, o que dialoga diretamente com o quarto e o quinto capítulo da tese de Itamar, que destacam a vida, a morte e a luta. No segundo subtópico do primeiro capítulo, evidenciaremos traços do cotidiano da comunidade, salientando seus atos de caráter produtivo e religioso, que permitem a sobrevivência nutricional, financeira e social da comunidade, dialogando diretamente com o segundo e o terceiro capítulo da tese, que tratam da agricultura, da pesca, da coleta, da venda dos excedentes e das celebrações de jarê.

No segundo capítulo será onde analisaremos uma segunda parte do objetivo de realizar a triangulação dos trabalhos. Nesse segundo capítulo, evidenciaremos os aspectos do livro que poderão nos servir enquanto base para interpretarmos a favor da argumentação das conexões temáticas. Começaremos referenciando os prêmios e os impactos do livro, analisando reportagens jornalísticas que divulgam o impacto do livro, e as resenhas críticas de autoras do ensino superior, que destacam temáticas similares e que foram publicadas academicamente, em diversas regiões do país.

No primeiro subtópico desse segundo capítulo, será o espaço onde resumiremos o conteúdo principal do livro. Tomamos essa decisão de trazer para o trabalho um breve resumo com a intenção de permitir, mesmo para aqueles que não leram, uma compreensão básica sobre os eventos presentes no livro. Essa parte também servirá para escolher e destacar tematicamente alguns eventos

conscientemente selecionados, que servirão para formar o escopo principal de análise que pretendemos com o trabalho. Não obstante, é uma parte que permitirá para aqueles que já leram o romance, relembrar alguns eventos que talvez tenham sido apagados pela memória, reconhecendo que o esquecimento faz parte do processo de lembrar.

No segundo subtópico do segundo capítulo, será o espaço reservado para finalizarmos e demonstrarmos os dados que constroem o objetivo do trabalho, destacando alguns eventos e problemáticas que nos interessam enquanto exemplos de conexão entre romance e tese.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo primário vincular a existência do romance *Torto Arado*, com sua obra irmã, a tese do autor feita na comunidade da Luna. Ao vincular a vida, a luta, as conquistas, as tragédias e as mortes de personagens com os mesmos tópicos e efeitos na vida de pessoas que estão vivas, seja em seus próprios corpos ou na memória daqueles que ficaram, conseguimos ressaltar e trazer à luz dos fatos a participação da vida nas inspirações literárias.

Reconhecer a profundidade que a vida e a morte podem causar na produção de uma literatura, é um ato de responsabilidade que deve ser realizado por todos aqueles que desejam evitar as interpretações falhas de que os autores são apenas gênios virtuosos, como se o que escrevessem estivesse deslocado de sua própria vida. Partindo da premissa que a literatura é fruto de seu tempo e de seu contexto, esse trabalho visa deixar a conexão indiscutível entre as obras do autor mais fáceis de serem vislumbradas. Buscamos evidenciar que não apenas as famosas personagens de Itamar estão vivendo e morrendo em suas lutas, mas que o povo da Luna também está fazendo isso. A comunidade da Luna, lugar de inspiração para as histórias de Itamar, lutou, está lutando e permanecerá em luta, até conseguirem seus direitos.

2 A TESE

Itamar Rangel Vieira Junior nasceu no dia 06 de Agosto de 1979 em Salvador, na capital do estado baiano. Ingressou na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano 2000, aos 21 anos de idade. Graduou-se em 2004 em geografia, conseguindo primeiramente o título de licenciado, e no ano seguinte, o título de bacharel. Conectou a graduação ao mestrado, finalizado em 2007, mantendo sua orientadora Maria Auxiliadora da Silva. Na graduação e no mestrado estudou temáticas parecidas, sendo elas a expansão de Salvador vinculada a valorização imobiliária, sendo analisada através das vias metropolitanas da cidade. É no doutorado que o autor muda a temática e passa a se interessar pela pesquisa em comunidades quilombolas, ingressando em 2013 e finalizando em 2017. Em 17 anos de conexão com a federal da Bahia, Itamar se gradua, se torna mestre, e finalmente Doutor em Estudos Étnicos e Africanos.

Uma lacuna temporal se coloca entre a finalização do mestrado em 2007 e o começo do doutorado em 2013. São seis anos de razoável distanciamento do Ensino Superior. Tanto a pausa na carreira acadêmica quanto o retorno à UFBA se devem ao seu vínculo com o INCRA. No final do ano de 2005, recentemente graduado, Itamar fez o concurso para o Instituto de Colonização e Reforma Agrária e no ano seguinte assumiu a vaga como analista do órgão federal. Com um mestrado em andamento na área de valorização imobiliária no espaço urbano de Salvador, fruto de sua participação enquanto bolsista no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano e ligado ao departamento de Geografia, começou a trabalhar como servidor público.

Inicialmente, Itamar atuou no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, que envolvia entre outras atribuições, projetos educacionais em assentamentos quilombolas no estado do Maranhão. Foi a primeira vez que estabeleceu contato com esse público, relação profícua que foi o germe para grandes produções acadêmicas e literárias por parte do autor.

Em 2007, ano de defesa da dissertação, Itamar se despediu por hora da academia, publicando seu último capítulo de livro em obras que não seriam de sua autoria. “Do canto ao ‘canto’: cidade e poesia em Caetano Veloso” é um capítulo escrito pelo autor, para o livro “Imagens da cidade da Bahia: um diálogo entre a geografia e a arte”, organizado por Délio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva. É com uma análise interseccional sobre as relações dos espaços geográficos

com a arte baiana de maior gradação que Itamar se ausenta do ensino superior, dando adeus à orientação de Maria Auxiliadora para focar em outros tipos de análise, dessa vez acerca das regularizações de terra.

Em 2009, já trabalhando de volta em seu estado natal, tratava de entender os pormenores do Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas, função essa que iria inserir o servidor Itamar nas mais diversas situações. Durante esse período, teve a oportunidade de trabalhar com um sem número de instituições nacionais e regionais, que demonstrariam a complexidade de se trabalhar nesse tipo de carreira que visa democratizar os direitos previstos pela Constituição em vigor, o que sem dúvidas provoca a ira daqueles que não desejam que essas garantias sejam cumpridas. Essas pessoas são comumente os causadores de intempéries das mais diversas formas, frequentemente visando dissuadir o trabalho geral e conjunto.

Atuou junto ao Ministério Público Federal, Defensoria Pública da União, Instituto de Colonização e Reforma Agrária, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, Ouvidoria Agrária Nacional, Coordenação de Desenvolvimento Agrário, Casa Civil e Secretaria de Meio Ambiente. Quanto as organizações civis, atuou junto a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais do Estado da Bahia, Conselhos Estaduais e Regionais de Quilombolas, Movimento Estadual de Trabalhadores Assentados, Pastoral da Terra, Pastoral dos Pescadores, além de todos os ocupantes quilombolas e não quilombolas das áreas afetadas pelos processos.¹

A dificuldade constante que o autor sofria em atuar em conjunto com todas essas organizações, entendendo os pormenores dessas atuações e os limites teóricos e metodológicos de cada grupo específico, estão presentes em sua tese. Havia uma demanda permanente de conjugações de trabalhadores, o que demanda uma atualização igualmente permanente de seus servidores, que devem buscar a formação necessária para lidar com as especificidades sempre inovadoras de trabalhos dessa natureza.

Itamar Vieira Junior retorna ao ensino superior em 2013, aderindo o programa de qualificação que a própria autarquia oferecia, buscando se atualizar. Ingressou através desse meio no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos,

¹ O autor não trabalhava diariamente com servidores desses órgãos citados, mas se valeu de colaborações para a realização do trabalho de regularização na luna de todos os grupos, por pelo menos uma vez durante a feição do relatório e da pesquisa para a tese.

na Universidade Federal da Bahia, buscando conseguir nesses espaços de saber uma formação acadêmica que o qualificaria para avançar nas demandas que surgiam de diferentes grupos, em diferentes momentos. Essas eram as demandas que faziam parte de um grande grupo multidisciplinar de saberes e deveres, que na opinião do autor, formava os estudos étnicos.

Ao pleitear a vaga para o doutorado, fez um projeto que visava investigar alguns processos de regularização já em curso no estado da Bahia, principalmente ao sul da Chapada Diamantina, onde já vinha trabalhando e tomando noção dos pormenores processuais. Conforme o projeto foi sendo escrito, decidiu que gostaria de debruçar seus esforços sobre uma das comunidades selecionadas pelo diagnóstico publicado pelo Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas. A lista que o autor tomou conhecimento se referia a uma publicação de 2013, mesmo ano do retorno do autor ao ensino superior, que continha o nome da luna enquanto uma comunidade que deveria ter seu relatório iniciado por um grupo de servidores. Com a aprovação da nova orientadora da tese e da aprovação legalmente documentada da comunidade, o autor se aproximou do povo e de sua história, para que sua jornada pudesse também ser a matéria prima necessária para que ele realizasse sua pesquisa.

O povo da luna, também conhecido pelo nome de povo de Santo Antônio, povo de Utinga ou simplesmente de quilombolas, se referem ao povo que habita a Comunidade da luna, localizada no município de Lençóis-BA². Desde a nomenclatura, reserva em si a intrínseca relação do povo com a terra, o espaço em que vivem e morrem (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 19). A comunidade é um agrupamento humano que está localizado na Chapada Diamantina, na Bahia, onde os moradores lutaram e permanecem lutando na justiça para fazer com que o território ocupado e utilizado por eles, a eles fossem concedidos legalmente.

Outras pessoas possuem o título de propriedade dessa terra, por serem descendentes daqueles que há muito foram donos, e essa desigualdade é o motivo de suas querelas. Esses donos dizem ter acolhido os trabalhadores, vindos de diferentes lugares, que sobreviveram, viveram, tiveram filhos, netos e bisnetos, que ainda vivem na terra e tem de lidar com a falta de posse da mesma.

² A cidade de Lençóis é também conhecida como “O portal da Chapada Diamantina”, por ser a cidade da região com a maior e mais preparada infraestrutura para receber visitantes, como hotéis, aeroporto, diversas opções de alimentação e agências de turismo, que oferecem pacotes de passeio para os recém-chegados.

O direito de persistir deve ser assegurado através do cumprimento da lei, e o persistir para esse tipo de comunidade, cuja vida está diretamente ligada ao cultivo e a manutenção da terra, se dá primeiramente pela segurança nominal de que ali estão enquanto proprietários, e não apenas enquanto moradores. Essa é a forma que o Estado Brasileiro e a Constituição Federal acredita ser a mais otimizada para dar conta de encarar as opressões causadas por esses tipos de contexto.

A situação de opressão que a comunidade sempre viveu descende de um passado que remonta ao começo do século XX, quando os primeiros moradores chegaram à terra após a Grande Seca de 1932 nos sertões nordestinos. Essas pessoas eram advindas dos mais diversos estados acarretados pela seca, que se estendeu principalmente pelo estado do Ceará. Os emigrantes se movimentavam por toda a região nordeste em busca de trabalho, comida ou qualquer tipo de auxílio, governamental ou não. Conforme o depoimento dos sertanejos que vivenciaram a seca de 1932, sua principal preocupação era a de arrumar trabalho, e a partir disso conseguir as demais coisas, pois pensavam que pedir esmolas e ajuda a esmo era um ato de covardia e que trazia vergonha para os seus (RIOS, 2014, p. 68). Alguns desses emigrantes chegaram à terra ainda na década de 1930, sendo acolhidos pelos proprietários da terra em troca de trabalho constante sob condições compulsórias, que haviam de ser cumpridas para pagar a permanência dos sertanejos emigrantes numa terra já empossada.

O processo para regularização da comunidade havia sido aberto em 2010, e Itamar percebeu que se tratava de mais uma propriedade quilombola de ascendência negra que remontava seu passado e sua herança histórica para a conexão com o escravismo brasileiro (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 29). Percebeu também que aquela comunidade, tal como se configuram a maioria das comunidades quilombolas do país, mantinha uma relação muito estreita com o seu entorno, o espaço onde seus antepassados viveram e onde ali continuam a viver. É naqueles rios, matas, roças, casas de família e espaços religiosos onde o microcosmo da vida em terra se formou no último século, transformando todo o espaço em sua morada. Por isso eles não apenas consideram enquanto “casa” a morada levantada verticalmente pelos braços dos próprios moradores, e sim todo o espaço onde habitam.

Com o auxílio da bibliografia emprestada da antropologia, Vieira Junior estabeleceu enquanto parte essencial de sua metodologia o ato de ouvir. Ao prestar atenção no que a população falava, ia ficando mais claro conforme suas visitas iam

acontecendo, que a trama que envolvia a comunidade era mais complexa e profunda do que um aglomerado de pessoas que buscavam ser donos da terra através de considerações estatais e assinaturas num papel.

O dia a dia do povo era configurado através da noção que o tempo e o espaço se cruzavam nas trilhas da terra onde habitavam, fazendo o passado se fazer presente numa dinâmica onde a conexão entre humanidade e espaço se fazem indissociáveis. É naquele pedaço de chão desgarrado do brilho nem sempre eficiente do estado brasileiro, que a união se faz comum.

O saber disseminado no local onde o povo vive, morre, come, dorme, trabalha, festeja, briga, dança, e cultua, é o saber que a comunidade habita em meio a teia de ligações que foram construídas pela própria comunidade, nas últimas nove décadas. Portanto, faz todo sentido que o discurso que demonstra as suas noções do habitar no mundo sejam também descendentes dessas ligações que se deram através do contato perene entre as ligações de parentesco, trabalho, confiança, religiosidade, raça, classe e histórias de vida, contadas oralmente, formando a memória coletiva de um povo em sua unidade e em suas diferenças.

Vieira Junior destaca alguns conceitos que despontam enquanto palavras fundamentais para realizar a leitura e compreensão da comunidade, sendo eles: “terra, morada, trabalho, luta, sofrimento e movimento” (ibid, p. 20). O próprio título de sua tese mostra a importância desses termos em sua análise. Ao sugerir que “trabalhar é tá na luta”, o autor incorpora o que ouviu de um dos quilombolas escutados durante a pesquisa, visando evidenciar para seus leitores a posição que esses povos tomam no mundo, como se veem, como se colocam perante as situações, e como irão se portar frente aos mais diversos desafios. E são muitos. Partindo de um contexto histórico prévio onde não havia mais o amparo legal para justificar a escravização de pessoas, o argumento da bondade em troca de uma retribuição decidida pelo pretense bondoso, se mostra uma potente solução para a aquisição rápida e facilitada de mão de obra.

O momento histórico citado no parágrafo acima, diz respeito aos anos subsequentes a abolição da escravidão legal. No dia 13 de maio de 1888, a abolição da escravidão se deu no país a partir de um decreto assinado pela monarquia do Brasil, tendo sido previamente aprovada no senado. No entanto, não houve nenhum tipo de planejamento que visasse a realocação das pessoas escravizadas para uma realidade mais justa. Foram em sua grande maioria abandonados pelo estado para

cuidarem de seus destinos, como se a simples liberdade jurídica significasse também a liberdade de seus corpos, necessidades, vontades, e enfim, de seus próprios tempos de vida.

Atrelados ao trabalho pela necessidade de sobreviver, muitos voltaram para suas antigas funções, para a vigilância de seus antigos empregadores, com condições muito semelhantes aos regimes de trabalho anterior, quando não pioradas. Recebendo pouco, trabalhando muito, permanecendo em suas frustrações de serem desrespeitados pelo povo não escravizado, muitos se viram numa situação novamente desesperadora, acobertada por um ato de bondade que jogou fumaça sobre as atrocidades que estavam em curso. Todos sabiam das atrocidades, das faltas de condição, da dependência imposta estruturalmente para essas populações, e sobre as possibilidades de futuro de um povo que precisaria começar do zero, ou mesmo antes disso, dificultados por todas as barreiras possíveis até alcançarem de fato suas liberdades, no sentido mais profundo.

No começo, a população negra não mais escravizada comemorou a conquista, e enquanto a notícia se espalhava, festejaram por não precisarem mais se reconhecer legalmente enquanto pessoas na situação de escravizados. Quando os ânimos acalmaram, perceberam que a vida dali para frente não seria nada fácil, e começaram a pensar em alternativas para continuarem sua luta. Uma das principais formas de permanecer lutando pelas suas próprias vidas foi a escolha da mudança de moradia. Muitos escravizados saíram das propriedades onde foram cativos e partiram para as cidades ou outras propriedades em busca de trabalho, se movimentando de forma interestadual em uma parcela dos casos (FRAGA FILHO, 2010).

O ato de movimentar-se se transforma num ato não apenas de necessidade, mas de esperança. Esperança em sobreviver, perdurar, viver, e conseguir para a própria vida uma condição melhor. Não há como saber exatamente de onde os antepassados dos primeiros a chegar à luna vieram, mas uma das coisas que ficam claras nos depoimentos presentes na tese de Itamar, é a de que os primeiros moradores eram formados por uma população que fugia da Grande Seca de 1932 no Nordeste do país, sendo acolhidos pelos avôs e bisavôs dos atuais donos da terra, em troca de trabalho.

O tempo passou, o século XX acabou, e o centenário de moradia na luna está batendo à porta. No entanto, muita coisa ainda não foi resolvida. Por ser uma comunidade cujo trabalho se configura de forma predominantemente agrária, e por

não terem a posse legal das terras, tal situação coloca seus moradores num contexto de que o contrato de trabalho entre os moradores e os proprietários ainda continua em curso, mesmo nos dias de hoje.

Os primeiros moradores já tiveram filhos, netos, bisnetos e tataranetos que continuam a residir no mesmo lugar. Até mesmo suas vidas já foram ceifadas pela ação inexorável do tempo, e mesmo assim, o vínculo que não é nem empregatício e nem de caridade, jamais se extinguiu. O autor da tese descobre tudo isso sentando junto às pessoas e ouvindo suas histórias e aspirações. Nos conta a história da comunidade de forma predominantemente técnica, com nuances estéticas e lufadas perenes de poesia. O trato poético para com a realidade é uma presença que não parece se ausentar nos trabalhos de Itamar Vieira Junior, se apresentando enquanto elemento estruturante das narrativas, sejam elas na academia, ou fora delas. Em seus trabalhos não acadêmicos, e portanto mais livres, a poesia constrói a narrativa, contrastando a produção da outra modalidade, que por muitas vezes promove a coerção das liberdades e da criatividade.

A utilização da tecnicidade para lidar com situações tão metodologicamente desafiadoras, conjugada com o uso das descrições poéticas é marca registrada do autor. É interessante e importante ressaltar que a presença de seu estilo estético próprio, baseado em conceitos-chave que remontam a um aparato conceitual vivo-móvel, não traz empecilhos ou dificuldades para interpretar seus escritos. Pelo contrário, é a interseccionalidade entre a escrita acadêmica e a poesia descritiva que tornam suas obras mais deglutíveis, consumíveis, e portanto, possíveis de serem estendidas para a comunidade não acadêmica, o público geral. Talvez seja essa uma das razões que podem explicar o sucesso tão grande de *Torto Arado*.

Ao fazer um romance tão parecido, em múltiplos aspectos, com sua tese, Itamar Vieira Junior vincula muito de sua experiência pessoal enquanto pesquisador para fazer um romance que trata de temáticas muito similares. Uma das muitas intersecções, tema do segundo capítulo deste trabalho, é a relação de poder desequilibrada entre moradores e proprietários. Essas relações de poder, tanto na factualidade quanto na fantasia, criam situações problemáticas que desencadeiam processos extremamente violentos. São essas situações-problema que mostram de forma clara a necessidade alarmante da intervenção, principalmente estatal, para mediar e tentar resolver o problema, que tem a tendência comum a seguir caminhos inconstitucionais de direito.

Essa necessidade se dá pois, nesse tipo de relação, o poder se apresenta hierarquicamente através da posse, e quem detêm legalmente a propriedade tem em suas mãos uma grande representatividade legal, que pode ser evocada para realizar os mais diversos atos. Como não citar as possibilidades de atrocidades e assédios que tais proprietários podem protagonizar para defender suas terras, normalmente herdadas de geração para geração, mantendo o poder e a posse de forma geracional na mão de seus familiares. A vontade desses proprietários de terra de proteger suas posses é tanta, que Itamar dedica algumas páginas de sua tese para narrar a atuação de uma dessas pessoas, disposta a protagonizar diversas investidas para que fossem preservadas suas heranças. Esse foi um dos únicos obstáculos mais persistentes que se colocaram entre o pesquisador baiano e a produção de sua tese e relatório, visando regularizar a situação da comunidade, revelando episódios de violência que são muito comuns nesse tipo de iniciativa estatal de promover a aplicação das leis.

As tentativas de obstrução do processo ocorreram a partir do momento em que um certo proprietário de terras buscou intervir, através de diversas formas de assédio e ameaças, no trabalho dos técnicos do INCRA. O pretense proprietário havia tido acesso à informação de que, provavelmente, suas terras fariam parte do pleito territorial que a Comunidade da Luna estaria passando a reivindicar junto ao estado. Essas tentativas de intervenções estavam colocadas desde o princípio da pesquisa, e contavam com uma utilização permanente de táticas de assédio à comunidade e aos técnicos do INCRA, visando a obstrução do processo de pesquisa e produção do laudo de regularização.

Para com a comunidade, o proprietário convocou inúmeras reuniões onde a tentativa de desmobilização foi colocada a partir de constrangimentos e ameaças veladas em direção a própria comunidade. Um dos maiores agravantes foi a percepção de que a presidência da associação de moradores passou a ser constantemente ameaçada por terceiros. Em relação ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária, autarquia responsável pelo processo, houve inúmeras tentativas de intervenção, tais como o assédio por telefone, inclusive no número pessoal do autor, a apresentação de filiação político partidária, e a abertura de processos legais visando a impugnação do processo.

Itamar destaca em seu trabalho que em novembro de 2015, ele e a antropóloga Lidianny Vidal, servidora do INCRA desde 2013, publicam o relatório técnico de identificação e delimitação do território quilombola da Luna. Publicado no dia 20 de

novembro de 2015, dia da Consciência Negra, no Diário da União (DOU), o relatório não apenas recebe ampla divulgação para quem esteja interessado no processo, mas também oferece, a partir desse momento em questão, o material necessário para que a notificação de afetados fosse feita pelos órgãos públicos responsáveis, abrindo a possibilidade para apresentarem contestações ao relatório.

O proprietário das terras havia tentando insistentemente interromper o processo enquanto o relatório estava sendo produzido, e não logrando êxito, permaneceu na tentativa de manter sua propriedade. Abriu um recurso administrativo durante o período de contestação, mas não teve sucesso. A partir daí, passou a tentar desqualificar o relatório e os servidores que participaram da sua redação. Partindo de processos legais, a defesa do proprietário alegou que Itamar Vieira Junior estaria participando dessa missão visando alcançar interesses pessoais, utilizando dessa maneira a estrutura e o tempo de trabalho do INCRA de forma indevida, realizando um trabalho que traria para o pesquisador uma série de vantagens.

Todas as tentativas de interferência acabaram por ser frustradas, após baterem de frente com a argumentação coerente e com bases legais da defesa do autor e do órgão responsável pela regularização. Como o doutorado faz parte do Plano de Capacitação de Servidores do INCRA, estando regularizado através de normativas internas ao órgão, ficou evidente que o autor não estaria gozando de nenhuma ação que o privilegiasse diretamente.

Os trabalhos e resumos produzidos durante a pesquisa foram devidamente apresentados para a autarquia, que os encaminhou para diversos eventos de apresentação ao redor do Brasil, considerando assim o trabalho do pesquisador enquanto uma função que não causava ônus para a Administração Pública, de nenhuma forma. São nesses eventos, geralmente organizados por universidades e órgãos públicos, onde diversos servidores e acadêmicos de todo o país conseguem conhecer o trabalho que está sendo realizado nacionalmente, em cada uma de suas formações e interesses específicos. A extensão do saber e da experiência adquirida em campo é essencial para a produção de trabalhos acadêmicos que partem de bases científicas, visando idealmente a extensão desses conhecimentos para a sociedade geral.

É importante destacar que após mais de duas décadas de trabalho na questão da regularização de terras quilombolas, iniciados com o Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003 pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, uma parte significativa

da história brasileira vem sendo registrada por esses relatórios, através de pesquisas que vinculam o saber construído academicamente, em consonância com a participação sistemática da própria população que está em foco.

Para além de escrever a história dessas comunidades, desses povos, também há o propósito maior dessas ações, que é a regularização da terra onde essas pessoas se formaram enquanto sociedade. No entanto, não interessa para os donos de terra que essa história seja escrita, e é extremamente desinteressante para eles que suas terras sejam apropriadas pelo estado, tomando assim muitas vezes a opção de intervir. Itamar, em sua tese, destaca que esse tipo de ação por parte dos afetados é constante nesse tipo de processo de regularização:

Ações judiciais, reintegração de posse e cerceamento do livre acesso às áreas de trabalho são comuns, e inúmeros casos de assédios têm chegado à Ouvidoria Agrária. Dados da Comissão de Violência no Campo do Governo Federal, atualmente vinculada à Casa Civil, mostram que o número de assassinatos no campo, em 2015, chegou a 49 em todo o país. Nos últimos anos houve assassinatos de lideranças quilombolas no estado da Bahia e Maranhão. Além das próprias populações do campo, os servidores têm sido alvo de assédio e ameaças por parte de proprietários que enfrentam a perspectiva de desapropriação de suas terras, mesmo com a sinalização por parte da Administração Pública da regular indenização dos seus imóveis por parte do Estado. (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 25)

Durante o período da pesquisa, Itamar se confronta com os dados de assassinatos no campo, normalmente atentados contra a vida de lideranças quilombolas, que travam a luta diária para que a vida de seus povos seja mais justa. Os assassinatos, tão presentes em seu romance, chegariam com força na comunidade da Luna nos anos posteriores a sua pesquisa, que colocou a comunidade definitivamente em evidência, para todos os tipos de interessados. Apesar de ter presenciado durante a pesquisa alguns casos similares de violência, foi com o passar do tempo que a situação foi ficando cada vez mais crítica. A cada ano que passa, a comunidade quilombola que Itamar estudou em sua tese, mais se parece com a comunidade quilombola de Água Negra, que o próprio narrou, até mesmo no que diz respeito a violência chegando à porta de seus moradores, sem aviso, e na maioria dos casos, sem punição posterior.

2.1 A VIOLÊNCIA

No dia 26 de janeiro de 2024, um evento de violência fizera da luna seu alvo. Em reportagem publicada no portal *Jornal da Chapada*, ou como o subtítulo do portal sugere, o lugar para realização do *Intercâmbio de Notícias da Chapada Diamantina e Região*, se fez evidente que a “A comunidade de lúna, que foi fonte de inspiração para a história do livro *Torto Arado*, agora enfrenta as consequências da maior onda de violência já registrada na região.” (Jornal da Chapada, 2024). Apesar da comunidade em questão ter sido o amálgama de vivências as quais Itamar teve acesso privilegiado, fontes para produção de tese e romance, atualmente se encontram enquanto uma sociedade abandonada pela fiscalização estatal, permeada pela audácia e pelos constantes assédios de criminosos contratados.

A espécie de violência que se tornou uma parte marcante do romance, havia se tornado parte do dia a dia do povo da luna. Os episódios de violência passaram a ser mais amplamente noticiados principalmente após a comunidade ter ficado em evidência, após publicação dos escritos do autor aqui estudado. Ao chegarem em sua casa na manhã do dia 26 de janeiro, algumas lideranças da comunidade se depararam com a destruição causada pelo fogo ateado em sua residência, somada a claras marcas de arrombamento, com muitas pegadas cercando a área devastada.

Essa foi apenas uma das residências com marcas de arrombamento na ocasião, pois a Polícia Civil esteve no local no dia 27 do mesmo mês e constatou que mais algumas residências haviam sido invadidas, e seus objetos revirados. A mesma notícia ainda nos mostra a construção de uma periodicidade construída pelo jornal, que destacou em seu texto que a comunidade teve seu processo de regularização fundiária iniciada em 2010, culminando na publicação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) em 2015, período marcado pela escalada da violência da região, evidenciado também por Itamar em sua tese de doutoramento. Finaliza a construção da periodicidade marcando que foi no ano de 2023 que o INCRA publicou a portaria de reconhecimento, a qual reconhece e delimita os territórios das 39 famílias inseridas em lúna, como parte do processo de regularização fundiária.

Essa situação de extrema violência não foi um evento isolado, e pode ser facilmente inserido a um contexto que remonta a 2017, quando ocorreu o altamente divulgado e nada esclarecido, *Massacre da luna*. Foi uma chacina reportada

nacionalmente pelos veículos midiáticos. Ocorreu na noite do dia 06 de agosto de 2017.

Como diz a reportagem do portal Uol Notícias, publicada no dia 08 de agosto de 2017, curiosamente inserido na aba “cotidiano” do jornal, disserta sobre o fato de que seis quilombolas da comunidade da Luna foram mortos a tiro dentro de suas próprias casas, por homens não identificados que fugiram dentro de um veículo preto, com vidros escuros, que não foi encontrado posteriormente. A reportagem recupera o dado de que a polícia civil informou em seus relatórios, que cada vítima recebeu de quatro a cinco tiros, evidenciado o nível de violência e sede de sangue de seus assassinos, e de seus prováveis mandantes.

Uma cortina de fumaça foi jogada na situação, que desembocou em uma discussão sobre a possibilidade de o atentado estar ligado com o crime organizado, afinal, duas das seis pessoas tinham passagem pela polícia por tráfico de drogas. Não obstante, é essa mesma polícia que dá declarações para o jornal, que a partir disso escreve em sua reportagem que “fazendeiros da região querem expulsar os quilombolas do território e impedir que o INCRA dê continuidade à regularização fundiária” (BITTENCOURT, 2017), deixando claro que com esse crime, a situação da disputa pelo território ficava cada vez mais acirrada, travada entre os donos legais da terra e a Comunidade da Luna. Cada vez mais violento seria o ano de publicação da tese que havia sido escrita durante o processo de elaboração do relatório, que daria continuação ao processo de regularização das terras em prol das demandas da comunidade.

A mesma reportagem do portal Uol nos mostra que esses casos não eram isolados. No dia 16 de julho de 2017, alguns meses antes da chacina que jamais saiu das etapas iniciais de investigação, e ocorrida no mesmo território quilombola em questão, o líder da comunidade naquele momento, cujo nome era Lindomar Fernandes Martins, foi morto com seis tiros por homens que invadiram a casa dele, utilizando a mesma metodologia da chacina que ocorreria meses depois. Até o momento, mesmo tendo se passado quase sete anos, também não houve prisões ou sequer responsabilizações por estes crimes. Também em julho, no dia 17, outra liderança quilombola chamada José Raimundo Mota de Souza Junior, foi morta com dez tiros.

Não importa para qual direção temporária nossas lentes se desloquem, a comunidade da Luna viveu e ainda vive assédios e violências extremas que sequer

conseguem ser fiscalizadas, e muito menos evitadas pelo estado. Tudo isso ocorre mesmo após muito trabalho e dedicação para a feição dos diversos trabalhos e relatórios de regularização, o que mostra a gravidade de colocar em prática processos incompletos de libertação e de direito.

Cortinas de fumaça são jogadas constantemente em cima das situações de violência, como é o caso das discussões que sugeriram a vinculação de um suposto envolvimento com tráfico de drogas da parte de alguns dos assassinados, com possíveis motivações para as mortes cruéis, marcadas pelo uso excessivo de projéteis, que tiram a vida rapidamente daqueles que por tanto tempo lutaram por justiça.

A reportagem publicada pela Comissão Pastoral da Terra no dia 30 de agosto de 2017, intitulada “Entidades e movimentos discutem massacre de Luna, em Lençóis (BA): Relação com o tráfico ou conflito agrário?” coloca em pauta essa questão. O texto é desenvolvido partindo da ocorrência de uma reunião, que aconteceu na manhã do dia 21 de agosto de 2017 na sede da Associação Grãos de Luz e Griô na cidade de Lençóis (BA). Na parte da tarde, essa reunião deu prosseguimento no Fórum de Lençóis, contando com a presença do juiz da respectiva comarca. Nesse momento, entidades e lideranças puderam argumentar a favor de proporem ações urgentes junto aos órgãos competentes, e que fossem até a comunidade da Luna com urgência, conversar com os moradores e pensar em soluções.

Representantes de diversas entidades e movimentos sociais, incluindo comunidades quilombolas, associações locais, grupos juvenis, organizações de defesa dos direitos humanos, secretarias municipais de educação, Procuradoria da República Federal, Defensoria Pública da União, Defensoria Pública do Estado da Bahia, ouvidorias, coordenadorias de mediação de conflitos, conselhos estaduais e nacionais, além de outras instâncias governamentais e não governamentais, marcaram presença em um evento crucial para discutir os desafios enfrentados em Luna. Este encontro não se limitou à trágica perda de seis trabalhadores quilombolas; pelo contrário, revelou uma série de questões urgentes que demandam soluções imediatas, devido ao fato de que foi “a partir do momento que a comunidade foi certificada como território quilombola que começaram as violências e ameaças” (Pastoral da Terra, 2017).

Relatos e depoimentos indicaram que a comunidade já vivia com medo, por conta da ocorrência de eventos anteriores, como invasões à escola e o assassinato

de outro membro quilombola em junho de 2017, além de ameaças escritas deixadas debaixo das portas dos moradores. Por sua vez, a Pastoral da Terra alerta para a possibilidade de que o massacre esteja relacionado a disputas por terra na região da Área de Proteção Ambiental Marimbus³ Ibicoara, devido aos interesses de empresas no agronegócio.

Conflitos agrários crescentes, especialmente na Bahia, somados ao desejo de explorar o território de Iuna, levantam a hipótese de que o massacre esteja ligado a essas disputas. Grandes empresas multinacionais na região de Iraquara, com histórico de degradação ambiental, estão migrando para o baixo Paraguaçu, com interesse em expandir o agronegócio (Ibid, 2017). Isso reforça a ideia de que o massacre possa estar ligado às disputas fundiárias na região, evidenciando uma complexidade contextual que escapa das interpretações mais simplistas, usualmente utilizadas enquanto coberturas estratégicas para simplificar situações que não são tão simples assim.

Essas disputas fundiárias acontecem das mais diversas maneiras. Iremos exemplificar no presente momento a disputa que envolveu o INCRA e demais pessoas, que abriram processos administrativos, relacionados ao processo de regularização fundiária. No Diário Oficial da União – Seção 1, nº 196, publicado no dia 10 de outubro de 2018, constam as seguintes informações:

RESOLUÇÃO Nº 22, DE 3 DE OUTUBRO DE 2018.

O CONSELHO DIRETOR DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA- INCRA, Autarquia Federal criada pelo Decreto-lei nº 1.110, desde julho de 1970, alterado pela Lei nº 7.231, de 23 de outubro de 1984, por seu Presidente, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 6º e 7º do Decreto nº 8.955, de 11 de janeiro de 2017, combinado com o art. 11, do Regimento Interno, aprovado pela Portaria/INCRA/P/Nº 338, de 9 de março de 2018, publicada no Diário Oficial da União de 13 de março de 2018, tendo em vista a decisão adotada em sua 682ª Reunião, realizada em 03 de outubro de 2018, e Considerando os termos e exposições do Processo nº 54160.003870/2010-15 referente à regularização fundiária da Comunidade Remanescente de Quilombo de Iuna/BA; Considerando os termos do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação- RTID, relativo à regularização fundiária das terras da Comunidade Remanescente de Quilombo de Iuna, elaborado pela Comissão instituída pela ORDEM DE SERVIÇO/INCRA/GAB/BA/Nº 07/2014, de 28 de janeiro de 2014. Considerando os termos e exposições constantes na INFORMAÇÃO TÉCNICA Nº21/2018/DFQ-1/DFQ/DF/SEDE/INCRA (0338546) e NOTA n. 00078/2018/CGA/PFE-

³ Marimbus é uma área alagadiça brasileira, também chamado de “O pantanal da Bahia”. Situada na região central da Chapada Diamantina, serve como espaço para plantio, navegação de pequenos barcos e para visitação turística.

INCRA-SEDE/PGF/AGU (1026068), constantes nos autos do Processo Administrativo INCRA nº 54160.003870/2010-15; resolve: Art. 1º Julgar improcedente os recursos apresentados por José dos Santos Rebouças, fls. 490 a 500, e Alberto Teixeira Sá e José dos Santos Rebouças, fls. 526 a 527, constantes dos autos do processo administrativo 56160.003870/2010-15. Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação. LEONARDO GÓES SILVA Pelo Conselho. (BRASIL, 2018).

Os nomes divulgados são de José dos Santos Rebouças e Alberto Teixeira Sá, sem números de documentos ou quaisquer outras informações para além do número do processo administrativo 56160.003870/2010-15, movido pelos autores, em contrariedade ao processo de número 54160.003870/2010-15, que diz respeito a decisão do Superintendente Regional Substituto do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA , de tornar público a tramitação do processo de regularização da luna, localizada no município de Lençóis-BA, envolvendo a área da Fazenda Santa Maria, da estrada municipal, do rio Santo Antônio, da Fazenda Tanquinho, Fazenda Nova Esperança, Fazenda Bonita, e Rio Utinga.

O nome desses elementos em questão já havia sido citado no Diário Oficial da União do dia 23 de novembro de 2015, quando na ocasião foram notificados, juntamente com outros seis nomes de proprietários, comunicando que seus imóveis haviam sido envolvidos no perímetro destacado no relatório, abrindo a possibilidade para que os interessados entrassem com pedido de contestação. Também foi ressaltado que os ocupantes não quilombolas com propriedades privadas nessa área, são as mesmas duas pessoas em questão (BRASIL, 2015).

Até a publicação deste presente trabalho, não foi possível identificar se o processo administrativo aberto pelos interessados diz respeito ao pedido de contestação fundiária. Também não foi possível identificar a identidade de José dos Santos Rebouças, pois há muitas pessoas homônimas com processos abertos na região da Chapada Diamantina. Não é possível encontrar também, com base nas fontes disponíveis, quaisquer relações entre os donos da terra e a violência na comunidade; os nomes aparecem apenas enquanto pessoas interessadas no processo de regularização, publicado em 2015 no DOU. José dos Santos Rebouças não foi identificado, mas não diremos a mesma coisa de Alberto Teixeira Sá. De acordo com o portal oficial da Câmara Municipal de Lençóis – BA, município que abriga a comunidade da luna em seu território oficial, Alberto Teixeira Sá, também conhecido como Alberto Sá, é Vereador pelo Partido Liberal (PL) do município,

cumprindo mandato mais recente, do ano de 2021 ao final do ano de 2024 (BAHIA, 2024). Nesse mesmo caso encontramos Aida Meire de Araújo Neto, citado no DOU de 2015 enquanto uma das pessoas interessadas no processo, por ter propriedades na área demarcada. Também vereadora do município, pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB).

Dando atenção para as datas que mostram as mais recentes marés de violências desenfreadas, implementadas no dia a dia da comunidade e nos seus entornos, é seguro dizer que a situação não começa com a chegada e com a ida do INCRA ao campo, e muito menos cessa após sua partida. Começou décadas antes, desde o início da chegada dessas populações à Chapada Diamantina, onde se viram em situações de exploração e dependência para com a terra e seus proprietários, luta que travam até os dias de hoje, visando a melhora de suas qualidades de vida.

Itamar Vieira Rangel Junior foi mais uma dessas muitas pessoas que, em conjunto com a população e com seus atos de resistência, provocaram a fúria daqueles que tem o poder para violentar e corromper. É claro que o pesquisador e escritor foi importante para a história da comunidade, fazendo seu papel junto aos órgãos competentes que puderam, aos poucos, elaborar alternativas e processos que pudessem dar o tom organizacional e argumentativo necessário para que o governo tomasse providências cabíveis.

A situação é muito complexa, e as disputas fundiárias deixam todo o contexto muito mais inflamável, sejam elas através das disputas legais, através da apresentação de contestação aos relatórios; sejam elas ilegais, através de assassinatos e demais tentativas de dissuadir as lideranças a lutarem pelo direito de morar. Não obstante, é necessário prestar atenção ao fato de que, após a comunidade tem ficado sob os holofotes de forma nacional, os interessados em manter as relações de exploração passaram a mostrar mais suas garras, historicamente sujas de sangue e dotadas da mais vil crueldade. Mesmo declarando isso, a pesquisa não propõe a identificação dessas pessoas que cometem tais atos de violência, deixando para as autoridades competentes lidarem com a identificação e com as demais providências legais de investigação, julgamento e prisão.

Em seu primeiro romance, Vieira Junior narra o evento protagonizado uma das irmãs do núcleo familiar principal da história, que sofre um acidente doméstico que a impossibilita de expressar sua voz e suas vontades no mundo, dependendo de sua irmã para que suas demandas fossem colocadas para a sociedade em seu entorno.

A vida imita a arte no sentido de que, atualmente, algumas situações de violência e desespero sequer acabam chegando ao cuidado e distribuição da mídia, ou mesmo de organizações responsáveis que pudessem dar o tratamento cabível para as mais densas questões. Isso acontece porque o povo da Luna se sente impotente às vezes, e com medo, por saberem que a segurança de suas famílias, de suas próprias vidas, não está assegurada no mundo real, seja pelo governo, pela polícia, pela tese ou pelo romance.

No entanto, a comunidade da Luna permanece resistindo a toda e qualquer tentativa de terem seus territórios desmantelados por seus carrascos usurpadores. Infelizmente, ainda é o caso de entender que a força estatal somente poderá implantar a justiça social de forma definitiva, quando o seu território estiver finalmente regularizado, seus invasores e assassinos identificados, responsabilizados e punidos, e é claro, quando for assegurado o direito da segurança do povo. Nesse momento, a Luna poderá morar sem morrer, trabalhar sem tombar, e viver sem precisar sucumbir para sobreviver.

2.2 O COTIDIANO

“Foram as vozes das pessoas que habitam Luna que alimentaram a história que será, já, relatada, e deles vieram a derradeira inspiração de que nenhum cotidiano é banal, mas que toda vida é um caminho por onde flui a substância do mundo.”
(VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 37).

O cotidiano é a vida. Se a vida acontece, ou nós acontecemos na vida, é no dia a dia que adquirimos forma, cor, cheiro e sabor. A história, ou mesmo as pessoas que decidem o que é a história, tem a tendência em separar os períodos e suas especificidades através dos grandes eventos. Mas quem tem a capacidade de decidir o que é um grande evento, capaz de se diferenciar dos eventos ordinários da vida que nos é reservada? O trabalho, a luta, o luto, a fome, os desejos, as expectativas, e os fracassos, para além de eventuais vitórias, constituem a nossa existência nesse planeta, cujo nome marca o que para muitos é inexistente. Evidenciaremos o cotidiano da comunidade em questão para trazer sua vida a luz daqueles que possam querer contemplá-la, através de lentes que apontarão conscientemente para interpretações e ligações posteriores ao aprendizado do cotidiano, como a escrita, levantando assim questões que serão complementadas no capítulo que segue.

No dia 27 de abril de 2013, Itamar Vieira Junior, vai até a Luna pela primeira vez. Já havia trabalhado em diversas outras comunidades quilombolas pela região da Chapada Diamantina, mas seria nesse novo local que tomaria conhecimento de um conjunto de práticas e vivências que marcaria sua vida e sua produção, tanto acadêmica quanto literária, direcionada para o grande público leitor brasileiro. O processo da comunidade havia sido aberto em 2010, e na ata da associação de moradores direcionada ao INCRA, demandavam da autarquia o processo da regularização fundiária, buscando a aquisição de seus direitos de persistirem em suas terras, mantendo suas ligações através do trabalho relacionado a plantação, à identidade da comunidade em relação a prática da pesca, e a crença do jarê, uma prática religiosa comum daquela região da Bahia. Para que isso acontecesse de forma segura, era imprescindível que os seus moradores permanecessem na terra, necessidade que unia o povo da Luna em torno da identificação quilombola.

As necessidades do povo, em certa medida, conseguem ser resolvidas pelo próprio povo, através do desenvolvimento das habilidades, utilizadas para deixar o ato de viver um pouco mais simples, organizado, ou mesmo compreensível. A habilidade

de lidar com a terra, também chamado pelos moradores da luna de “sabedoria da terra”, é um exemplo do que esperar de uma comunidade que tem boa parte de seus vínculos, familiares e laborais, vinculados ao trabalho do cultivo. É quase como se esses fenômenos que envolvem o plantar e o colher, tal qual o vento, a chuva e umidade e a seca, tivessem vida, se fazendo presentes no dia a dia da comunidade não apenas enquanto fenômenos naturais banais, mas enquanto eventos que sugerem ações a serem tomadas, pelo bem da própria comunidade. Dessa forma, o chuvisco é comemorado, e o temporal não. A média quantidade de água, dividida em espaços razoáveis de tempo, irriga o solo sem agredir, permitindo que a plantação continue perseverando até dar seus frutos. No temporal, homem e céu choram juntos, pois o excesso de água leva embora as mudas que ainda não se fixaram, sugerindo as baixas e a ausência para aqueles que sobre a terra derramam suas lágrimas, fruto da tristeza por perderem a comida que alimenta, e também sustenta, aqueles que da terra vivem.

Seja com a sabedoria da terra, ou com outras sabedorias, o povo da luna diz trabalhar da hora que acordam até a hora de irem dormir. Isso porque o trabalho é o fazer da comunidade, que permite o viver do povo. O fazer é o trabalho que não depende da remuneração propriamente financeira, mas que recompensa o trabalhador com os frutos que deseja colher. Na comunidade o povo planta e colhe o dia a dia em seus roçados, trata o gado com o mato previamente colhido de seus quintais, e isso ocorre enquanto uns lavam as roupas no rio, de forma que outros tratam de fazer o trabalho infundável da manutenção do lar. Pescar, colher o dendê⁴, o mel e o buriti⁵, são afazeres que se somam ao amálgama laboral que envolve o povo, e que também os envolve numa identidade, ligada ao manejo e à produção.

Quando precisam do dinheiro, pedreiro e empregada doméstica são trabalhos bem comuns, ofertados nas fazendas das regiões para aqueles que fazem parte da classe baixa, e que quase nada pagam pelo serviço. Atualmente o trabalho de pedreiro está sendo cada vez mais requisitado na região, dada a especulação imobiliária que vem ocorrendo nessa parte da Chapada Diamantina desde os últimos anos, como

⁴ É o fruto do dendezeiro, uma palmeira que pode chegar aos 15 metros de altura. É através do dendê que se faz o azeite de dendê, ingrediente chave para a culinária nordestina, sobretudo baiana.

⁵ O buriti, fruto do buritizeiro, é o fruto de uma palmeira que nasce exclusivamente em áreas alagadas e que chega aos 30 metros de altura, dando frutos uma vez por ano, após o período das chuvas; faz-se doces, vitaminas, sorvetes e se extrai o óleo, utilizado em larga escala na indústria cosmética. Da madeira se faz a fibra do buriti, utilizada para costurar a vestimenta do trabalho agrário e para fazer instrumentos musicais.

aponta reportagem do jornal Brasil de Fato, escrita pela jornalista baiana Bruna Hercog (2023).

No entanto, o trabalho doméstico, junto com a venda do azeite de dendê e da polpa do buriti, sempre foi uma das principais alternativas mais utilizadas na hora da necessidade financeira. Essa problemática evidencia uma situação em curso no Brasil há muitos séculos, onde pessoas de gênero e cor específicas são condicionadas a trabalhar no âmbito doméstico, limpando e muitas vezes servindo. Essa discussão é um dos pontos principais do livro “A cor das empregadas: A invisibilidade racial no debate do trabalho doméstico remunerado”, publicado em junho de 2021 pela socióloga carioca Tamis Porfírio, que sinaliza e denuncia a tentativa de invisibilizar o trabalho exploratório, realizado pelas mulheres negras no serviço doméstico, através dos reducionismos liberais de trabalho justo e honesto (PORFÍRIO, 2021).

O trabalho da mulher negra enquanto doméstica faz insinuações a um passado escravista que nunca abandonou o cotidiano da sociedade brasileira. A presença dessas pessoas no constante do dia a dia, nessa modalidade laboral, pode nos propor uma reflexão sobre quem são essas pessoas, que trabalham muito tempo e por vezes a vida toda, compulsoriamente ou não, com a limpeza e a manutenção das residências da elite. As notícias jornalísticas são uma fonte preciosa que não nos deixa esquecer desse passado-presente, tendo em vista que frequentemente aparecem nos jornais um novo evento não tão isolado assim, narrando a descoberta, seguida de um resgate de mais uma mulher negra em condições de trabalho escravo, relacionado com os serviços domésticos.

Reportagens do portal G1 (2022a, 2022b) e do jornal O Globo (2023) são exemplos dessas muitas notícias, que narram como essas vidas foram amarradas pela baixíssima remuneração, pela criação de dependências e pelo eventual tratamento fraternal. Como explicar para aqueles que não querem ver que as categorias de raça e gênero atravessam e moldam profundamente a formação desse miserável contexto? São filhas e netas do ventre livre atreladas aos trabalhos pouco remunerados em uma fazenda; bisnetas e tataranetas vivendo a maior parte de suas vidas entregues aos trabalhos domésticos, gastando suas vidas nos tanques de roupa e nas cozinhas das madames (EVARISTO, 2014, p. 92).

Quando não precisam do dinheiro, providenciam todo o resto. Produzem o que falta trabalhando numa triangulação principal que envolve a agricultura, a pesca e o extrativismo de dendê e buriti. Na produção agrícola, seus roçados são divididos em

sequeiros⁶, quintais⁷ e vazantes⁸ do Rio Utinga e do Rio Santo Antônio. Nos sequeiros geralmente trabalham os homens e as mulheres da comunidade, e o mesmo ocorre nas vazantes. Já nos quintais, o trabalho é realizado predominantemente por mulheres e pelos jovens, evidenciando a presença feminina em todas as áreas de cultivo da comunidade.

A atividade agrícola não consegue ser enquadrada num formato semanal, pois está sobre a regulação de um outro tipo de lógica, que é a lógica do roçar, plantar e colher. No entanto, não é por conta desse sistema de tempo que os moradores deixam de trabalhar, pois mesmo nos finais de semana, quando as plantações e os plantadores descansam, a pesca se faz enquanto trabalho e passatempo, e o trato dos animais continua ininterruptamente, já que a alimentação dos animais é diária.

A hora de roçar começa quando o terreno é escolhido pelos plantadores, geralmente entre julho e agosto, quando a chuva ainda não caiu na Chapada Diamantina. A retirada da capoeira⁹ é o primeiro passo, onde a comunidade plantadora atua junto às lâminas das enxadas, visando retirar o máximo possível das gramíneas sem muito perfurar o solo. Após isso, as capoeiras são queimadas num processo chamado coivara, que garante o enriquecimento nutricional do solo, que vem a propiciar a manutenção saudável de um solo preparado para dar uma boa colheita.

O tempo de plantar normalmente se mantém entre os meses de outubro a dezembro, aumentando até janeiro caso o período de chuvas seja mais intenso. A maior parte das espécies cultivadas podem ser plantadas o ano inteiro, mas é nesse período onde o cultivo em massa é colocado enquanto prioridade. Nesse momento, as sementes armazenadas desde a última colheita são utilizadas num novo processo de plantio, reiniciando o ciclo da vida das plantas, utilizadas na alimentação da comunidade que basicamente come o que planta. É nesse momento onde a magia de suas religiosidades desponta enquanto elemento constitutivo do cultivo da terra.

Assim como os elementos da natureza, como os ventos e as chuvas, podem ser considerados enquanto fenômenos vivos que impactam diretamente no dia a dia,

⁶ São áreas de cultivo mais altas, secas e rígidas, onde a umidade é garantida apenas pelas efêmeras chuvas e cujo plantio deve se dar apenas com alimentos que sobrevivem à estiagem.

⁷ São as áreas de cultivo localizado nas áreas da casa dos moradores, nos quintais das propriedades.

⁸ São as áreas de cultivo localizadas nas áreas úmidas e alagadas, normalmente perto dos rios perenes e intermitentes.

⁹ É uma vegetação secundária que nasce após o recolhimento da plantação original, e que deve ser retirada e queimada para que o solo esteja espacialmente e nutricionalmente preparado para uma próxima etapa de cultivo, a plantação de novas mudas.

os astros também têm sua importância e suas propriedades individuais, que colaboram com a formação e a perpetuação do microcosmos da comunidade. A lua encontra com o fazer da agricultura na medida que as fases lunares são creditadas com poderes que se vinculam a percepção de como funcionam as marés, e também, a produtividade. Um exemplo prático de como isso funciona para a comunidade da lua é o saber de que coloca as mandiocas e frutas num momento propício para ser plantado durante o período da Lua Nova, seguidos pela Lua Crescente e pela Lua Cheia, momentos para se plantar arroz, cana de açúcar, abóbora, feijão, milho, quiabo e chuchu. Coerentemente, o plantio é suspenso durante a Lua Minguante, reservando esse período para a realização da limpeza e do preparo dos próximos solos a serem cultivados. Isso acontece pois, assim como nas marés, a lua minguante traz a escassez, enquanto a lua crescente e a lua cheia trazem a maior vazão de água, propício para o plantio daquilo que mais necessita de umidade para germinar.

Ainda que essas crenças representem para alguns os passos necessários para se produzir uma boa colheita, não é apenas com a fé nos preceitos do Jarê¹⁰ que a plantação e a qualidade são asseguradas. Uma vez que os pré-requisitos imateriais são cumpridos, cabe aos moradores fazer o restante da manutenção cabível, transformando o processo de produzir a alimentação um trabalho que mistura o trabalho divino e imaterial com o cultivo terreno material.

É necessário para além da crença, retirar as ervas daninhas das mudas, arar e adubar a terra com pastas orgânicas, juntar terra na base das plantas para que as mesmas não venham a cair com os fortes ventos, e regar com frequência aquelas propriedades que estão secas a muito tempo, por falta ocasional de chuva. Essa coexistência do trabalho e das necessidades impostas pela crença do divino, conjugadas com a materialidade das necessidades terrenas, acaba do dando o tom e a forma de muitos movimentos nessa comunidade, e em tantas outras, formadas por descendentes de escravizados que tinham em sua vida terrena uma ligação com as religiosidades de matriz africana, sincretizadas no Brasil, que em sua grande maioria, são espiritualistas¹¹ (SANCHIS, 2001).

¹⁰ Religiosidade de matriz africana existente quase exclusivamente na Chapada Diamantina, descendente das tradições do candomblé, misturadas com os aspectos socioculturais da região.

¹¹ São religiões que acreditam na existência de espíritos, conjugados juntamente a matéria dos corpos, formando o que conhecemos como vida. Também há a presença da crença na possibilidade de estabelecer comunicações com outros espíritos, não necessariamente encarnados, ou seja, atrelados a corpos físicos.

O tempo ocorre diferente para cada necessidade, necessitando dessa maneira que a população esteja planejada e ciente de cada formato temporal, para não perderem os frutos de seu trabalho. Um exemplo disso é o extrativismo de dendê e buriti, que são frutos nascidos de palmeiras diferentes, com necessidades de solo distintas, mas com importâncias singulares para a comunidade. O buriti tem florada num ano, e no próximo, dá seus frutos, que não devem ser colhidos antes da hora, pois devem cair de maduros das altas folhas de sua palmeira mãe. O dendezeiro dá seus frutos o ano todo, e o ápice da sua produção é no mês de março, mais ou menos dois meses após as grandes chuvas do final de ano.

Uma parte da colheita desses frutos é destinada para o consumo diário da população, que come a polpa do buriti ou produz o óleo de dendê. No entanto, a maior parte da colheita é destinada para a venda nas feiras dos municípios de Tanquinho e Lençóis, onde conseguem vender seu excedente por uma baixa quantidade de dinheiro, utilizada para adquirir os produtos que não são produzidos em suas lavouras, como é o caso do café, do açúcar, e raramente de alguma carne. Não é raro presenciar os habitantes da luna nessas mesmas feiras, vendendo os excedentes de suas safras de frutas e legumes, visando o ganho monetário que rapidamente irá ser reinvestido em demais alimentos, provenientes de outras comunidades da região.

Entre o produzir, o ganhar, o vender, o comprar e o trocar, há outro verbo de viver que assume presença no cotidiano do povo, que é a presença inevitável do perder. Não é sempre que chove o bastante, e por vezes chove demais. Quando a chuva é muita, a água lava o solo com agressividade, não permitindo o nascimento de qualquer coisa que deseja germinar. O sol por vezes é muito forte, e isso vem aumentando com o passar dos anos, transformando o calor excessivo em mais um elemento do perder.

Não é incomum que suas safras sejam em partes perdidas, por diversos fatores climáticos ou não, colocando a sobrevivência do povo que precisa comer, em dúvida, de forma constante. As pessoas tentam evitar a perda de suas produções buscando alternativas inteligentes que visam mitigar os danos, o que demanda uma alta quantidade de tempo e força de trabalho para os plantadores. Na verdade, nem apenas nas mãos e braços de quem planta, jovens e adultos, recai as responsabilidades. As crianças não raramente são convidadas para ir até o campo, antes do amanhecer do sol, para que possam ajudar a espantar pequenos pássaros que tentam devorar as plantações de arroz, nos alagadiços dos rios Utinga e Santo

Antônio. Os pássaros, pequenos e velozes, atacam as plantações de arroz ao amanhecer, se alimentando dos grãos e fugindo rapidamente, deixando para trás apenas a ausência do alimento.

Buscando limitar os danos causados por agentes externos na sobrevivência da comunidade, e também para fortalecer os laços internos do povo que semanalmente comemora sua implacável resistência, as cerimônias de jarê são colocadas no plano cotidiano da vida do povo da luna. Tendo em sua liderança um curador principal, que geralmente é o líder ou um dos líderes mais respeitados da comunidade, as celebrações ocorrem nas casas das pessoas, geralmente na casa do curador, enquanto uma cerimônia que mistura a reza, a dança, a incorporação de entidades trabalhadeiras e os processos de cura para a população.

Quando a “percussão dos atabaques, as cantigas, a dança, e, principalmente, a força e a presença dos encantados manifestados preenchem o salão” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 114), é que começa o candomblé, como a população nomeia esse ritual. Os filhos de santo batem seus tambores para que os médiuns¹² se reúnam na sala dançando, incorporando os encantados padroeiros da comunidade, tendo Santa Bárbara, também conhecida como Iansã, enquanto a dona da maioria das festas. Enquanto os espectadores assistem e consomem salgadinhos e refrigerantes, os médiuns incorporados dançam, buscando levar os males do mundo diretamente para o espaço, livrando o povo dos eventuais infortúnios que podem ser evitados.

Santa Bárbara, imagem sincretizada do orixá Iansã, é considerada pela comunidade como uma entidade importante, pois ao mesmo tempo que seus ritos trazem proteção ao povo com seus ventos, também trazem para o espaço da comunidade a possibilidade da presença de outros encantados. Santa Rita Pescadeira foi uma dessas encantadas, que trouxe consigo através das danças e dos ritos os peixes através dos leitos dos rios, para que o próprio povo tenha condições de se alimentar.

A pesca é a principal atividade de produção proteica da comunidade, e por isso, é muito valorizada. Os carboidratos simples, presentes na maioria de sua produção fornecem energia de rápida absorção para que o povo trabalhe largas jornadas, mas é a proteína de fonte vegetal e animal que permitem a construção muscular do povo,

¹² Pessoas dotadas de sensibilidades específicas, que conseguem interagir com o mundo espiritual de diversas formas, sendo através da voz, da dança, da incorporação completa ou parcial, das visões, curas, etc...

necessário para a lida no campo. O terceiro macronutriente, a gordura, é em geral consumida através da presença do azeite do dendê, ou mesmo das gorduras vegetais e animais, contidas na composição dos alimentos. Dessa forma, a dieta do povo da luna consegue ser razoavelmente equilibrada, ainda que, pela tese de Itamar, há indícios de que o povo come menos do que gostariam, pois a escassez de alimentos se faz presente em quase todos os meses do ano.

A pesca nos rios Santo Antônio e Utinga também está colocada sobre um calendário específico, dada a crença de que a quantidade e a qualidade dos peixes são determinadas também pelo momento específico do mês. A população evita pescar nas semanas de lua nova, pois acreditam que nesses momentos os peixes podem estar com os dentes moles, dificultando que os mesmos possam cair na armadilha e abocanhar o anzol pendurado pela linha da vara de pesca dos moradores.

Na lua crescente a situação é encarada de forma contrária, por acreditarem que é nesse momento que os peixes estarão mais preparados, com a maior fome e os dentes mais rígidos, prontos para abocanhar um pedacinho de comida pendurado verticalmente, que se balança indiscriminadamente para atrair seus redondos olhos.

Da mesma forma, buscam pescar nas quadras das luas, ou seja, na exata transição entre uma fase lunar e a outra, quando a noite fica mais escura, e para eles, mais propícia para pescar os peixes que pouco enxergam. A pesca é tornada mais intensa quando os temporais ocorrem. Nesses momentos em que o céu e os moradores choram intensamente pela perda das plantações, é quando os peixes descem aos montes através do leito dos rios, propiciando um acúmulo desses animais nas partes mais baixas dos leitos, onde os moradores estarão preparados e à espreita, querendo compensar com escamas e barbatanas o que perderam de folhas e caules.

E é nesse jogo de luta e derrota, de perda e compensação, da dança pisada que revira o chão, e da morte matada, que nem sempre morrida, acomete o povo desse sertão, que a luna segue vivendo, com clara e visível direção, dando continuidade à luta travada pelo próprio irmão, que se recusa a parar antes da segura solução. É com o aumentativo “ão”, também utilizada para designar o início da unidade motora da oração, que grande parte das rezas são proferidas. Os curadores tecem a trama de seus discursos buscando nas rimas uma oportunidade de dizer o necessário, acrescido da estética, e também das técnicas de memorização. Com folhas de doce e verde fragrância empunhadas, fazem o ritual sinestésico da regulação energética do povo, que estáticos permanecem enquanto o curador trabalha. Dessa forma foi

narrado o trabalho de Rosalvo, um curador de jarê falecido em 2001, cuja memória e a vida permanecem mesmo duas décadas após a morte. Era tido como o pai da comunidade, o pai de todos os que precisavam de ajuda, desde as tarefas espirituais mais simples até as mais complexas, como é o caso das vezes em que pessoas foram levadas ao curador, acometidos de males do espírito que ocorriam na área da incorporação involuntária¹³.

São esses elementos, de todo um cotidiano muito mais complexo, que escolhemos marcar enquanto fonte a serem analisados e comparados neste presente trabalho. Mesmo Itamar, com sua tese chegando próxima das três centenas de páginas, deixou escapar em suas descrições e problematizações muitos dados que possibilitariam uma reconstrução mais fiel a realidade do povo. E essa é uma das principais questões de sua tese, bem como é do meu trabalho: Como conseguir, num número limitado de páginas, dar conta de reconstruir a vida de uma comunidade? A resposta é simples: não dá, pois a vida é sempre mais complexa do que as possíveis descrições.

A vida das pessoas em comunidade é dinâmica e plural demais para ser resumida, e por isso, buscamos retratar, através de nossas próprias lentes, o que nos pareceu evidente de suas vidas e de suas moradas. Essas descrições, apesar de insuficientes para retratar a vida do povo como um todo, são muito úteis enquanto material existente, tanto para a escrita da história desses povos cuja história renegou até então, quanto para produzir relatórios que visam a justiça social, como para fornecerem alguns dados que, num próximo momento, serão comparados com outros escritos, feitos pelo mesmo autor que confeccionou a tese em questão.

Ainda que recolher, descrever, apontar e problematizar possa parecer esforço insuficiente quando a meta é a resolução dos problemas étnico-raciais dessas comunidades, problemas esses que se misturam as questões inerentes ao capitalismo brasileiro e formam um grande problema contextual, reforçamos a necessidade de realizar esse tipo de iniciativa. O trabalho de Itamar foi apenas um desses trabalhos, só o começo de uma tentativa externa de compreender os povos quilombolas, seus direitos, suas lutas e suas demandas.

¹³ É quando uma pessoa, normalmente um médium, padece da incorporação de entidades fora da área das cerimônias, e contra sua própria vontade. Uma pessoa de fora da comunidade descreveria provavelmente como possessão, considerando que isso é um evento que está constantemente em debate no Brasil, enquanto um dos países mais cristãos do mundo.

3 O ROMANCE

Torto Arado é o primeiro romance publicado por Itamar Rangel Vieira Dutra, e já alcançou marcas importantes na literatura brasileira, e também internacionalmente. Publicado pela primeira vez no ano de 2018 em Portugal após ganhar o prêmio LeYa, foi publicado em 2019 no Brasil, onde ganhou o prêmio Oceanos e o Jabuti de Romance Literário, contando atualmente com mais de 800 mil exemplares vendidos, além de 29 reimpressões (G1 BA, 2024). Traduzido do português para o inglês com o título de “Crooked Plow”, o romance está colecionando indicações ao redor do mundo, e é um forte concorrente para ganhar o *The international booker prize*¹⁴ de 2024.

Extrapolando fronteiras literárias, a obra será adaptada para o formato de série, produzida pela HBO Max sob a direção de Heitor Dhalia, mente brasileira por trás de “À deriva” e “O cheiro do ralo”, que pretende transformar a história numa série de três temporadas, contando com a atuação de um elenco que está sendo escolhido a dedo pela produção, que optou por contratar atores da região onde o romance se passa, a Chapada Diamantina (RODRIGUES, 2022).

Não há uma data de lançamento oficializada para a série. Anunciada no ano de 2022 por muitos veículos jornalísticos do país, está atualmente numa situação de incerteza que deixa muitos dos amantes da obra com um sentimento de ansiedade. No entanto, isso não significa que os fãs estão à deriva como narra o filme de Dhalia, pois uma peça de teatro está sendo produzida por Aldri Anunciação, autor de “Namíbia não!”, e tem época de lançamento cravada para o primeiro semestre do ano de 2024, em Salvador.

Por conta do peso psicológico que a trama reserva em suas páginas, narrando a vida de irmãs que são permanentemente marcadas por um acidente de infância, e depois remarcadas pelo não-acidente, pela escolha do dono das terras de serem mantidas em um sistema de trabalho muito similar ao sistema escravista, os jurados de prêmios internacionais julgam a história como uma narrativa extremamente dolorosa. Esse diagnóstico também está presente nas análises brasileiras, no entanto, geralmente não paramos por aí ao falar do conteúdo do romance. De acordo com Marques (2021), Tolentino (2021) e Rodrigues (2021), resenhistas universitárias publicadas em revistas acadêmicas de diferentes instituições de ensino superior do

¹⁴ The international booker prize é uma premiação que seleciona os melhores livros traduzidos para o inglês que foram publicados no Reino Unido ou na Irlanda.

país, o livro apresenta uma mescla de violência, resistência, luta e sobrevivência, atravessadas pela beleza e pela importância da religiosidade, da força da mulher negra e camponesa que luta pelos seus direitos e da vinculação da humanidade produtiva com a terra de direito, em contraste com a escravidão persistente.

Na contracapa do livro reimpresso dezenas de vezes, consta que esta é uma obra que narra com extrema habilidade um Brasil que permanece dolorosamente encajado no passado escravista, cuja história flerta com o lirismo épico e o realismo. Talvez por conta disso Daniela Thomas, consagrada cineasta brasileira, acredita que o livro tenha um papel revelador, e participa na contracapa de todas as edições declarando que a narrativa coloca tudo o que pertence ao Brasil em seu devido lugar, através de personagens que são gigantes em suas ações e em suas representações. Gigante também é Itamar, aos olhos de Milton Hatoum, que utiliza tal adjetivo em seu depoimento na contracapa, discorrendo sobre as poucas certezas da vida, contrastadas pela quase certeza de ter Itamar enquanto um dos escritores mais talentosos da nova geração.

Ainda que as análises e testemunhos de leitura da contracapa do livro sejam curtos e rasos, por conta do pouco espaço a ser destinado para a proposta de ter grandes nomes elogiando a história, a comunidade leitora do país não poupou esforços quando o objetivo foi analisar a trama, escrevendo resenhas, artigos de opiniões, análises e até mesmo trabalhos acadêmicos, que nesse momento já somam artigos, teses de conclusão de curso e até mesmo dissertações de mestrado. Esses estudantes-pesquisadores focaram em grande parte na realização de esforços válidos para compreender o conteúdo do livro em si, geralmente conectando com questões sociais, evidenciando por vezes a presença do misticismo no romance, da força da mulher negra, do campesinato negro, da relação da humanidade com a terra e com o trabalho e a dificuldade que a população quilombola enfrenta quando o assunto é assegurar direitos, num país que sistematicamente evita tratar da questão não apenas da negritude, mas também da escravidão.

Este presente trabalho é fruto da vontade de evidenciar esses conceitos previamente pesquisados, com o objetivo de interligar os trabalhos complementares do autor de tese e romance, muito parecidos em sua temática e em seus desenvolvimentos. Somado a isso, também faz parte da redação do texto a noção de que a interface entre tese de doutoramento e romance não parece ter sido estudada em algum trabalho até o presente momento. Nesse processo, a entrevista concedida

em fevereiro de 2021 por Itamar ao programa Roda Viva, veículo de entrevistas da TV Cultura, é fundamental, pois é nesse espaço composto pelas cabeças mais brilhantes do país, que o autor das obras analisadas dá a entender que seu trabalho no INCRA influenciou sua escrita do romance (VIEIRA JUNIOR, 2021).

Considerado por muitos, especialistas ou não, um grande escritor, Itamar está entre os novos clássicos da literatura do país. Com Doramar ou a Odisséia, primeiro livro de Itamar composto por contos recortados pela temática da negritude, Torto Arado, seu primeiro e premiado romance, e Salvar o Fogo, segundo romance que vem somar ao esforço político-literário de Itamar, o escritor já alcançou fama, representação e importância internacional, mesmo recebendo muitas críticas negativas, principalmente quanto ao seu segundo e mais recente romance. Seu primeiro romance continua sendo sua obra mais impactante, pois representa com humanidade e eloquência a vida de uma população descendente de escravizados que teve a vida pouco impactada pela abolição, já que permanecem sobre constante exploração laboral até os dias de hoje.

Estando em processo de consolidação na literatura brasileira, e comparado por alguns portais jornalísticos, por produzir em algumas temáticas similares com Cida Bento, Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Djamila Ribeiro¹⁵, Itamar parece participar de uma nova geração de produção literária, também apontada por Miltom Hatoum, que está levantando questões muito importantes para a sociedade brasileira, que consome e anseia por mais a cada nova publicação, argumento que justifica o crescente aumento de leitores de cada um dos exemplos acima. Bebendo de fontes como Raduan Nassar e Milton Santos, a ciência, a tese, e o livro sofrem o impacto positivo do saber e dos problemas que estão sendo escondidos pelo sistema desde a abolição da escravidão, e que aos poucos vem sendo colocados enquanto pautas de suma importância pela mídia, pelo governo, e também pelo povo.

Em quase trezentas páginas de texto, tanto em suas versões em português quanto em relação as impressões em inglês, o livro apresenta uma linguagem didática e clara, própria da escrita do autor. Considerado um livro fácil de ser lido, ganhou o público nacional e vem ganhando o público internacional ao retratar de forma muito

¹⁵ São alguns nomes aclamados pela crítica e considerados pelo público leitor enquanto escritoras dessa suposta nova geração, que tratam da negritude, do feminismo negro, das questões de classe e das questões étnico-raciais na maioria de seus escritos.

fidedigna a vida dos descendentes de escravizados no Brasil, sobretudo no sertão baiano, renovando assim o interesse pelo livro a cada novo capítulo do romance.

Comparado com sumidades da literatura brasileira, sobretudo quando comparado a produtoras de literatura negra e feminista, Itamar surfa numa onda literária que está muito conjugada ao contexto ao qual o escritor se encontra, de ser um homem escrevendo sobre mulher, dissertando acerca de assuntos que a indústria literária e a mídia estão atualmente focando. Isso está longe de ser um aspecto negativo da literatura brasileira da segunda e terceira década do séc. XXI, mas acaba evidenciando como os interesses literários são moldados e julgados através de técnicas e interesses que mudam conforme a indústria e as necessidades se alteram.

Seus escritos, apesar de serem muito elogiados, também são muito criticados. Suas páginas estão longe de fazer, ou sequer propor reflexões acerca de mulheres, raça e classe tais quais as escritoras citadas acima, também citadas em conjunção ao nome de Itamar por veículos midiáticos, que por vezes forçam a divulgação de materiais literários produzidos a partir da receita de bolo preferida dos jovens leitores, que tem acesso a literatura de Itamar através das prateleiras das grandes bibliotecas de shoppings e universidades ao redor do país.

3.1 A HISTÓRIA

O primeiro capítulo do livro, chamado Fio de corte, narra a história de Bibiana e Belonísia quando crianças, convivendo com sua família na Fazenda Água Negra. Segue até o desenvolvimento da relação familiar na adolescência. Elas têm dois anos de diferença, e entre elas, filhos natimortos que não vingaram se apresentaram ao mundo e logo se foram. As irmãs, astutas e brincalhonas, parceiras na aprendizagem e nas travessuras, invadem o quarto da avó para mexer em suas lembranças, guardadas de baixo da cama. Ao romperem o zíper que separava o passado do presente, abriram a caixa de memórias para vasculhar o que não lhes dizia respeito.

Acharam uma faca brilhante com cabo de marfim, objeto que despertaria interesse o suficiente para se valerem da visão, tato, olfato e paladar, quatro dos seis sentidos narrados na história, para conhecerem o objeto. Ao ter a faca rapidamente retirada de sua boca por Belonísia, Bibiana tem seus lábios feridos. Permanece em choque com a sensação do sangue quente escorrendo pelo queixo, que goteja no chão, e essa sensação de surpresa permanece até a avó voltar a desabar suas mãos grossas sobre suas infantis cabeças. Uma das meninas estava machucada nos lábios, e a outra, havia amputado sua própria língua, num acidente que comprometeria sua voz para sempre.

Essa primeira parte narra, entre idas e vindas, a relação das irmãs em relação ao mundo, e a si mesmas. Convivendo com a mãe Salustiana Nicolau, aprenderam a serem mulheres fortes, produtivas e trabalhadoras. Com o pai Zeca Chapéu Grande, curador de jarê e pai espiritual da comunidade, aprenderam que o tecido que envolve o tempo e o espaço podem ser transpassados, incutindo efeitos positivos, negativos, ou neutros. Acostumadas a dividir suas casas com enfermos do corpo, da mente e da alma, foram marcadas pela tensa relação das gêmeas Crispina e Crispiniana, irmãs assim como elas, que estavam em constante atrito por conta de Isidoro. Crispina havia caído em loucura após ver Crispiniana com seu marido, e teve de ser levada para a casa de Zeca, para o tratamento. Após a melhora, perceberam que ambas estavam grávidas, e uma delas se recusava a dizer quem era o pai.

No final das contas, nem mesmo o alerta sugerido pelo limite relacional colocado, advindo da grave situação das irmãs possessas, foi o bastante para impedir as irmãs de reproduzir os exemplos das gêmeas. Começaram a entrar em atrito quando Sutério, irmão de Salu, trouxe sua família para morar na fazenda.

As filhas de Zeca se apaixonaram por Severo, seu primo, sobrinho de Salu. Numa das comemorações de jarê no terreiro do pai espiritual da comunidade, Bibiana flagrou Belonísia e Severo saindo de baixo de um umbuzeiro. Após incrementar a história com um beijo não visto, Belonísia apanhou de Salu e as irmãs se distanciaram. Isso não significava apenas um distanciamento físico e emocional entre as irmãs, mas também implicava que a irmã emudecida agora estaria ainda mais sem voz, após ver sua companheira e intérprete ausente de sua vida.

O tempo foi passando e as irmãs retomaram o contato, ao perceber que a relação entre elas deveria ser mais importante do que a paixão pelo primo. A comunicação entre elas, e conseqüentemente entre a família, voltou a ocorrer e a prosperar, com mais facilidade. No entanto, a adolescência e a puberdade afetaram Bibiana e Severo que, partindo dos desejos do corpo e da natureza, se entregaram a um sentimento mútuo incontrolável. Começaram ir para a mata colher o buriti para vender na cidade em época de estiagem, e com o tempo, passaram a deitar na mata para satisfazer os prazeres de sua carne. Bibiana então se viu grávida de Severo, e junto ao primo, partiu da fazenda para algum outro lugar no mundo, onde esperava mudar o rumo de sua vida, saindo de uma vez por todas da situação de vergonha e exploração na qual ela se via. Deixando sua mãe, pai, irmã e comunidade para trás, partiu com peso no coração, na promessa de um dia voltar para a comunidade.

Ao contrário do primeiro capítulo, que é narrado a partir do ponto de vista de Bibiana, a mulher com voz, o segundo capítulo é narrado por Belonísia, a irmã que teve seu silêncio transformado em regra. Chamado Torto Arado, a segunda parte do livro narra a história após a fuga de Bibiana e Severo, e como a vida adulta acontece para ambas. A narrativa ocorre em grande parte na fazenda de Água Negra, com Belonísia já adulta, e prestes a se casar. Ela havia assumido grande parte das atribuições agrárias da família, levando em conta que sua mãe e seu pai já estavam atingindo uma idade em que o esforço físico não poderia ser feito em excesso. Também há a presença de cenas em que Bibiana e Severo aparecem, conhecendo o mundo fora da Fazenda Água Negra, trabalhando para conseguir o alimento de cada dia, e lutando pela emancipação do povo negro e trabalhador enquanto ativistas politicamente organizados.

Ao viver sem sua irmã, Belonísia encontrou diversas dificuldades extras em sua caminhada. A nova escola da comunidade, inaugurada pelo Prefeito para cumprir uma promessa com os encantados do jarê, que salvaram a vida de seu primogênito, agora

abrigava jovens e adultos que queriam ter a letra e o número. Belonísia, por não conseguir falar, tinha sua comunicação limitada, para tratar com as demais pessoas, e por isso era desconsiderada e excluída pelos demais. Preferia então enfrentar o sol quente e o peso da enxada, pois o trabalho braçal era para ela menos pesado do que o preconceito entre os seus semelhantes. Foi na roça que conheceu Tobias e Maria Cabocla, pessoas que viriam a ser muito importante em sua vida, de formas distintas. Tobias era um capataz recém-chegado, que sempre a cumprimentava. Já Maria Cabocla, uma mulher que criava sozinha seus seis filhos, mesmo tendo o que comumente se chama de marido.

Tobias viraria esse mesmo ser, essa mesma sensação de chamar algo de pai ou marido, mesmo na completa ausência, ou no excesso de violência. Belonísia caiu na lábria do homem que, experiente, se mostrou bom no começo e ruim em todos os demais momentos. A irmã emudecida sonhava em viver o romance que a irmã Bibiana contava em suas cartas, mas não conseguiria isso com Tobias. Extremamente machista e violento, o homem cobrava a comida feita, a roupa passada, a casa limpa e o corpo de sua mulher. Estando frio ou quente, seco ou úmido, não havia tempo ruim para Tobias se satisfazer nos interiores de Belonísia, que muda permanecia em seus sons, mas não em suas vontades e percepções. Fez de Maria Cabocla sua comadre, e juntas juraram sair de suas relações abusivas, cada uma a sua própria maneira.

Bibiana voltou para a fazenda para criar seus quatro filhos que havia tido junto a Severo, e teria ajudado a irmã Belonísia com sua separação, caso tivesse tido tempo. Tobias morreria bêbado ao cair do cavalo, expressão que se tornaria empírica poucos meses após as irmãs novamente se virem juntas. Dessa forma, Belonísia prometeu não mais se meter em problemas do tipo. Ficaria sozinha até o fim dos seus dias, mas nunca mal acompanhada. Permaneceria com Maria Cabocla, criando seus filhos junto da “comadre”, numa relação de amor sáfico que infelizmente não fez parte das metas literárias do autor.

Belonísia também ajudaria a irmã a criar seus filhos, mesmo em momentos difíceis, como a partida de Zeca, que deixaria a comunidade e suas obrigações espirituais para se juntar aos encantados em algum outro plano de existência. Jamais incorporaria Santa Bárbara ou Santa Rita Pescadeira novamente, mas poderia viver próximo a elas. Em troca da ajuda de Belonísia, sua irmã a ajudaria na compreensão das letras e dos números, afinal, após a realização do magistério, Bibiana havia se

tornado não apenas uma mulher experiente, mas também uma professora revolucionária, como a grande parte almeja ser.

Essas experiências da aquisição do saber e da luta por direitos também se instauraria em Água Negra enquanto movimento. Após a partida de Zeca, a vaga de liderança ficou aberta, e Severo prontamente a ocupou. Não falava dos encantados, do saber da terra e da época para plantar, e muito menos se ocupava em fazer o parto daqueles que nasciam. Falava da luta que deveriam travar frente a opressão que vinham sendo vítimas. Aos quatro ventos se ocupou de bradar discursos, sensatos ou bravios, geralmente ambos, que visavam aglutinar as comunidades numa luta que, mal sabia ele, demoraria a acontecer. Não viveria para ver seu sonho revolucionário completo. Foi assassinado. Não permitiram que ele continuasse a se expressar.

Um rio de sangue apareceria em volta do corpo caído de Severo, que mártir se tornaria para frutificar um futuro distante. Rio de sangue que é o nome do terceiro e último capítulo, contado por nenhuma das irmãs. Narrado por uma encantada, uma entidade de uma outra existência, Santa Rita Pescadeira é a voz que dá o tom do final da história, que busca colocar tudo em seu devido lugar. Ela é uma entidade que se diz estar presente em Água Negra desde tempos antigos.

Estava lá desde antes dos homens cavarem profundamente na terra em busca do diamante, que enlouqueceu o povo daquela terra. Dizia estar lá desde antes dos donos das terras não poderem ter mais escravos. Como precisavam deles, passaram a chamar de trabalhadores e moradores, e começaram a cobrar o trabalho durante a semana em suas terras, reservando apenas o final de semana para o cultivo próprio dos moradores. Ela estava lá desde muito antes da vida ser corrompida pela ganância e pelas moedas, que trocaram a noção dos valores éticos pelos valores monetários.

Santa Rita Pescadeira permaneceria lá, mas havia perdido o seu cavalo¹⁶, Dona Miúda, e agora vagava pelas terras da Chapada. Viu Severo caído com 8 tiros e se transformou em chuva para lavar o sangue que minava de seu corpo sem vida. Ficou triste quando, semanas depois, presenciou a chegada dos oficiais e da polícia, dizendo que o inquérito havia concluído que Severo fazia parte de uma gangue que produzia maconha na região, e por isso havia sido morto, numa das disputas pela hegemonia da produção da droga. Mesmo os saberes ancestrais e originários da

¹⁶ Em muitas religiões espiritualistas brasileiras é utilizado o termo cavalo para se referir ao médium que empresta seu corpo físico para que a entidade se manifeste também fisicamente, “montando” sobre o corpo do médium e o movimentando.

encantada não a consolaram, pois ela mesma havia sofrido muito por conta das injustiças intercontinentais cometidas contra o povo. E era esse povo que ela via na sala da antiga casa, respondendo com medo às perguntas da polícia, que jamais falaria novamente sobre o veículo preto de vidros escuros, que nunca foi achado.

O medo que se instaurou nos ambientes da fazenda se tornaria apenas o combustível para que a insatisfação da população explodisse. Num palanque improvisado, e com o apoio da irmã e da família, Bibiana levantou a voz. Encarada de longe pelos proprietários da terra, discursou para o povo dizendo que as injustiças cometidas contra seu povo haviam de acabar. Não sentiu receio ao lembrar que o proprietário não aceitava esse tipo de amotinação, e muito menos respeitava a sua opinião de que não existiam quilombolas naquela terra. Reclamou aos ventos pela justiça e por viverem na impossibilidade de terem suas roças cultivadas durante a semana, das taxas de moradias cobradas em produção alimentícia pelos gerentes, e pela falta de estrutura em suas casas de barro. O povo participou e gritou junto, dizendo que a polícia era corrupta, e que conhecidos que moravam na cidade relatavam que os órgãos ditos de segurança, tinham carta branca para oprimir e matar a população periférica, negra e pobre, assim como eles.

Salomão, o novo dono que havia comprado a fazenda, não viveria muito tempo após todo esse descontentamento. Seus planos de investimento para com a terra da fazenda não incorporavam a população, e os ânimos começaram a aumentar. Numa manhã, chegou a notícia de que ele havia sido encontrado morto numa cova previamente cavada, quase decapitado, por um único golpe que guardou em seu esforço vortorial, um misto de muitos sentimentos violentamente juntos. Quem contou a notícia para Bibiana foi a própria mãe Salu, que desferiu um tapa na cara de sua filha mais velha após a mesma não se comover com a morte de seu carrasco. A mãe finalmente teria batido uma vez em cada filha, e mesmo que por vergonha ou ética, seu arrependimento estava feito.

A polícia voltaria dessa vez com muito mais ânimo, afinal, era um grande dono de terras que havia sido assassinado, e não um suposto meliante que propagava ideias de liberdade e cigarros de *cannabis*. Muitos foram levados para a delegacia, mas a inconclusão se deu quando os órgãos investigativos perceberam que, por onde Salomão andou, havia colecionado muito mais inimigos do que amigos. Após a polícia, seria a vez dos técnicos do governo chegarem para entender a situação, colocando a possibilidade da realização de alguns processos legais que poderiam oficializar a

posse da terra para aqueles que sempre fizeram uso dela. A partir desse momento, declararam que a comunidade não estaria mais sozinha, e que mesmo sem um prazo indefinido para a resolução do problema, estariam sob proteção do governo, que haveria de reconhecer e respeitar a existência dessa nova comunidade em direitos, ainda que tão antiga em sua história.

Santa Rita Pescadeira não estava mais tendo sua presença requisitada nas comemorações de jarê, pois suas montarias se foram, e seus bailes tiveram que parar de acontecer. No entanto, decidiu que permaneceria presente, se valendo de sua energia para fortalecer Bibiana e Belonísia, as irmãs que carregariam as metas e as obrigações do pai, da mãe e do povo. Começaria enchendo o peito da professora que, revolucionária, precisaria da voz forte, da espinha ereta e do coração intranquilo, para realizar as metas de fazer justiça junto ao povo, que inevitavelmente seria abandonado pelo estado, como sempre foi. Deixaria também os seis sentidos da outra irmã, extremamente aguçados. Sua sensibilidade, transbordando pelo seu corpo quieto através de seus músculos e de seus olhos tão fulminantemente comunicativos, a deixariam pronta para decapitar e sangrar a onça que ameaçava a sobrevivência da comunidade, deixando-a na cova do esquecimento a qual apenas os amaldiçoados pela história hão de reivindicar.

3.2 AS CONEXÕES

Narrada pelas irmãs Bibiana e Belonísia, e também pela encantada Santa Rita Pescadeira, a história da comunidade e da vida de Água Negra no romance partem de pontos de vista dos quais o eu lírico também é um personagem da narrativa. Também por conta disso, é visível que as experiências narradas partem de suas experiências pessoais, focando num momento em torno de um objeto de análise específico, e trocando o escopo de narração e observação conforme o interesse e as experiências das personagens também são alteradas. As personagens principais desse romance são mulheres negras e trabalhadoras, que vivem em um estado de constante luta e resistência, permeados pela violência e pelo trabalho, sobrepostos e complementares.

A tese de Itamar Vieira Junior tem como narrador-personagem o próprio autor, que sugere ser um pesquisador-objeto na medida que vai alterando suas vontades, seus dizeres e seus saberes conforme vai vivendo entre aqueles que ele se propôs a estudar e conviver. Suas narrações buscavam retratar de forma analítica e com seus devidos limites, a vida de uma comunidade quilombola que demandava avidamente a aquisição de seus direitos. Para isso, o autor guiou suas observações visando retratar da forma mais fidedigna possível as experiências gerais da comunidade, vinculando sempre que possível a existência do povo com a presença inexorável da terra, argumento que justificaria legalmente a regularização daquele território através do INCRA, que desapropriaria as terras da propriedade privada para o uso das pessoas que dela necessitam.

Ainda que o romance *Torto Arado* tivesse sido iniciado muitos anos atrás, mesmo antes do autor começar a atuar com as populações quilombolas no sertão baiano (VIEIRA JUNIOR, 2021), é após suas experiências vividas na comunidade da Luna que o autor escreve de fato o romance, se apropriando das vivências do povo daquela região para construir algo significativamente novo, e que ficaria muito mais evidente e público do que sua própria pesquisa acadêmica. Essa extensão de um saber reproduzido academicamente, fruto da vivência de um povo complexo da Chapada Diamantina, somou-se com a tentativa prévia da escrita de uma ficção histórica, desembocou no esforço da realização de uma publicação que mistura os mundos possíveis e prováveis com a factualidade e a fatalidade do mundo real.

Assim como as irmãs do romance, tese e ficção se separam por dois anos de distanciamento temporal uma da outra, e mesmo os filhos natimortos que não vingaram no romance, se apresentam na história de Itamar, escritor que havia descontinuado e perdido seu romance há muito tempo atrás. Ao fazer o exercício de nos apropriarmos dessas obras irmãs, fica evidente o reconhecimento de suas conexões, que se dão praticamente em todos os aspectos presentes nas narrativas.

O manejo da terra, o cultivo da religiosidade espiritualista que descende do sincretismo religioso baiano, a violência estrutural sofrida pelos moradores, a lida com o clima e suas características mescladas ao saber religioso, os ecossistemas que ditam o ritmo da vida, e a maneira característica do viver e do morrer ligados a luta, são apenas alguns dos exemplos das intersecções escolhidas para serem evidenciadas neste presente capítulo.

Quanto ao manejo da terra, antes mesmo de plantar, é necessário se ter o saber, necessidade para o colher. Tudo que envolve a sapiência dos detalhes que envolvem o cultivo, retratam o conjunto de saberes sobre a terra que os moradores da Luna e os de Água Negra carregam em seu cotidiano. É necessário possuir esses aprendizados, ou ter contato e conselhos frequentes com uma pessoa que os tenha, para garantir que a safra venha como esperado. Isso é o que diz a comunidade, seja a ficcional de Água Negra ou a da Luna. O povo da fazenda possuía esse conhecimento, e isso fica evidenciado ao notar que seus saberes confortam o coração da comunidade, quando o povo cava a terra e vê na umidade do solo o fenômeno da ventura (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 94). Nesse sentido, a natureza aparece quase como um personagem da vida cotidiana, onde o vento, a chuva fraca, a chuva forte e a umidade do solo podem causar nas pessoas a esperança ou o descontentamento (VIEIRA JUNIOR, 2017, p.38).

As plantações dependem de vários fatores que são colocados em prática através do trabalho e do manejo do povo sobre a terra, mas isso ocorre numa trama complexa que também envolve a expectativa do clima. As pessoas que sabem conjugar esses saberes possuem a sabedoria da terra, presente nas duas obras.

Apesar de Zeca não saber ler e escrever, ou mesmo fazer operações matemáticas, era admirado pelas suas filhas e pela comunidade. Sabia que na lua cheia se plantava de tudo, mas que a banana, a mandioca e as frutas no geral nasciam melhores se plantadas na lua nova (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99 e 100). Também era conhecido pela comunidade da Luna que, fora das luas que plantam tudo, ou plantam

as preferências, existia a lua minguante. Nesse momento, todos os plantios deveriam ser cessados, e os processos de limpeza através da coivara deveriam ser realizados, para que o próximo plantio pudesse acontecer com o solo preparado e com a lua positiva e colaboradora (VIEIRA JUNIOR, 2017, p.156).

Ainda que a sabedoria ajude no dia a dia da plantação, o clima e a natureza são soberanos. Nos tempos de estiagem, não há muito o que fazer a não ser desistir da plantação que morreu e partir para outras tentativas de se alimentar e de sustentar a comunidade. Tanto na história da luna quanto na de Água Negra, a estiagem de 1932 foi importante, pois dizem que foi após ela que a comunidade se formou. Quando Itamar chegou pela primeira vez na comunidade, os moradores disseram que o povoado sofria com a falta de chuvas desde 2009 (ibid, p. 34), mas que sentiam pela umidade do solo e pelos leitos dos rios que logo choveria. A estiagem que a população de Água Negra dizia estar enfrentando, impediria a continuação da construção da escola da fazenda, pois seus recursos deveriam ser destinados para a sobrevivência da comunidade nos próximos tempos, onde veriam tudo em volta dos rios Santo Antônio e Utinga secar e morrer (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 67).

Esses mesmos rios, Santo Antônio e Utinga, são os canais fluviais que irrigam tanto a comunidade de Água Negra quanto a comunidade da luna. São neles que as personagens se afogam, pescam, e tomam alguns de seus banhos. É nesses locais onde as mulheres da luna lavam as roupas da comunidade, se valendo da força da água corrente dos rios em tempo de cheia para higienizarem suas vestes, ou da calma de suas águas para pacientemente esfregar (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 154). Salustiana Nicolau também foi avistada pelas filhas na beira dos rios, lavando as roupas para que as filhas pudessem se bem vestir nas comemorações do jarê, e para que seu marido pudesse apropriadamente se trajar para os rituais.

Uma das personagens chave desses rituais do jarê no livro é Santa Rita Pescadeira, uma das únicas encantadas a serem nomeadas pelo autor. No começo do romance, aparece na comemoração de jarê da comunidade, que se assusta ao perceber na cerimônia uma encantada que desconheciam (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 80). Aparece para auxiliar a comunidade em outras ocasiões, e acaba sem conseguir participar ativamente da história, após Dona Miúda morrer. Retorna no final do romance, narrando suas experiências e dando forças para as irmãs que juntas lutam para a finalização das suas opressões. Na tese, curiosamente aparece apenas nas histórias da comunidade, enquanto uma encantada que montava numa moradora que

já morreu, e que nunca mais havia participado das comemorações. Diziam que Santa Rita Pescadeira só se manifestava na suposta moradora, e que havia ficado sozinha quando seu cavalo se foi (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 118 e 241).

A expectativa do clima correto, também aparece nas duas obras, quase enquanto uma personagem. Quando a estiagem é firme, nem plantação e nem pesca são possíveis, como dito anteriormente. Para a população, resta algumas alternativas, e dentre elas, o processo de colher o buriti e o dendê são os mais citados em ambas as obras. Quando tudo ficava extremamente difícil, a principal maneira da comunidade de Água Negra conseguir dinheiro era através da colheita do buriti para fazer a massa, e o dendê para produzir o azeite, que deveria ser vendido nas feiras da cidade (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 45). Dessa mesma forma, a produção da massa do buriti e do azeite de dendê constituem parte importante da centralidade econômica da comunidade da luna, que produzem esses produtos visando vendê-los junto aos excedentes de produção agrícola de suas roças, desejando obter dessa forma os alimentos como o açúcar e o café, que não são produzidos em suas terras (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 153 e 154).

Além dessas dificuldades, as comunidades têm em seu histórico o abuso por parte das autoproclamadas autoridades, donas oficiais das terras em cartório. No romance, há uma cena marcante onde o gerente da fazenda invade a casa das protagonistas para levar embora suas batatas, abóboras e seus vidros de azeite de dendê (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 45). Essas histórias estão presentes também no imaginário da população da luna, que com base nos relatos de seus anciões, aprenderam sobre seus eventos e sobre suas lutas com histórias como aquelas, onde pessoas imbuídas de poder imaginário vinham até a comunidade querendo levar alguns bens (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 245), ainda que, diferente do caso no romance, os moradores tivessem a escolha de entregar ou não, sem criar nenhum tipo de problema aparente.

Uma outra interface interessante é a existência do chupim, pássaros que atormentavam a população das comunidades, mas no final de contas, apenas queriam se alimentar. No romance, vemos Bibiana e Belonísia sendo convocadas ao campo pela família. Essa era uma cena rara de acontecer, pois as crianças normalmente ajudavam a cultivar as próprias roças no quintal de casa, e não tinham o costume de ir até as plantações onde as famílias trabalhavam. Nessa ocasião, foram chamadas para espantar o chupim, um pássaro miúdo que roubava os grãos de arroz presentes

nas plantações dos grãos, nas regiões alagadas dos marimbus (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 42-44). Tal qual no romance, as crianças da Luna levavam na brincadeira o evento de espantar o passarinho, enquanto os adultos tentavam fazer isso com seriedade, visando perder a menor quantidade da plantação possível, abatendo algumas das aves se fosse necessário, mesmo que com dificuldade, por conta da sua agilidade, destreza, e pequeno em tamanho (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 234).

Quando voltavam para suas casas após espantar o chupim, adentravam suas casas feitas de barro, e descansavam até a hora do próximo afazer. Esse é um exemplo que foi frisado muitas vezes por Itamar ao descrever a Fazenda Água Negra, tanto pra evidenciar a situação degradante a qual aquela população estava sendo exposta, quanto para justificar a revolta e a luta que viria a seguir. Na tese, essa ideia aparece no geral enquanto a memória de algo que foi e não é mais. No entanto, esse dado configura mais uma vez a criação de um imaginário sociocultural, que produz receios a fim de permitir que a população esteja sempre alerta, perante todo e qualquer tipo de opressão que venham a sofrer.

Essas conexões são apenas alguns exemplos dos muitos mais que poderiam ter sido selecionados e tratados no presente trabalho. Utilizamos o critério de colocar em destaque as intersecções acima por conta de seu caráter telúrico, participantes de todo um conjunto de componentes que são capazes de retratar a vida no campo, especialmente aquela que é travada nos interiores do estado da Bahia, lugar onde as especificidades culturais e geográficas da região encontram os afazeres do campo, formando um espaço-tempo que foi narrado por Itamar em ambas as obras.

Essa narração alcançou o reconhecimento acadêmico quando em 2017 sua tese de doutoramento foi aprovada, e a academia reconheceu sua pesquisa. Somado a isso, essa reconstrução narrativa e literária, não apenas inspirada na Luna como também entrelaçada com sua própria história, alcançou o reconhecimento nacional, e vem alcançando o reconhecimento também internacional através de suas representações. Sua literatura não resolve e nem propõe soluções muito claras para a resolução das problemáticas envolvidas em suas produções, no entanto, seus méritos são claros quando analisamos o fato de que muitas pessoas, principalmente os jovens leitores, puderam conhecer essas problemáticas tão antigas e complexas, através de seus escritos.

4 CONCLUSÃO

Tudo o que consideramos nosso, não é nosso de fato. Emprestamos aprendizagens e seus exemplos, metas, conquistas e valores, que se alteram e são alterados ao longo da nossa trajetória. Do útero ao túmulo, carregamos ligações com as coisas e com as pessoas que estão ao nosso redor, e a cada nova escolha que tomamos, construímos uma nova realidade para nós mesmos, que tem a potencialidade de afetar infinitamente o conjunto do todo, ainda que tais impactos sejam difíceis de mensurar com clareza. Contabilizar e racionalizar os afetos e os afetados é impossível em larga escala, e também, desnecessário. Essa é uma ideia retirada do filme *Cloud Atlas* de 2012, que dirigido pelas irmãs Wachowski, tem em suas metas principais e como suas premissas teóricas, a noção de que tudo e todos estamos inexoravelmente conectados.

Algumas conexões são extremamente claras e colocadas aos olhos de todos que minimamente desejam vê-las, como é o caso da relação entre a morte Marielle Franco, a política e a polícia do Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2024). Casos não isolados como esse, mostram como as vozes revolucionárias são caladas pelo poder da elite e do estado, que perfuram e matam seus corpos na vida e na literatura. Outras, demandam um esforço um pouco maior, por conta da falta de clareza em sua interposição.

As interfaces entre a tese de doutorado e o primeiro romance de Itamar não estão tão claramente expostas para o grande público, em grande parte porque a divulgação do romance não envolve a intencionalidade de propagar tal informação. As entrevistas realizadas com o autor também não esclarecem a fonte de suas inspirações, falta comum que pode sugerir que o romance e a poesia são fontes da primazia do gênio, inspirações que supostamente sobrevoam a cabeça dos dotados e talentosos por natureza, inspirados pela ninfa que sussurra as odes em direção aos seus tímpanos, provocando suas sensíveis compreensões. Esta pesquisa aponta para o lado oposto dessa posição.

A captação da realidade pelo autor descende da moradia e do convívio direto com a população da Luna, durante muitos anos, adquirida conforme foi escrevendo sua tese de doutorado, fruto de uma pesquisa vinculada à UFBA e ao INCRA. Muitos dos eventos e das particularidades da comunidade do interior de Lençóis estão presentes em seu renomado romance, não por acaso, mas sim porque passaram a

constituir todo um aparato teórico e argumentativo do que constituía a Chapada Diamantina, ao seu ver. Ao viver por um tempo entre a população, teve a oportunidade de aprender sobre as pessoas, sobre as suas culturas, seus desejos, suas frustrações e sobre sua luta.

Por conta dessa vivência, e do que acompanhou em relação a crescente violência na comunidade, principalmente após o INCRA demonstrar interesse pela regularização do território, conseguiu inserir em sua obra tanto o que viu, quanto o que ouviu, quanto o que passaria a ver, dado o fato de que a violência na luna só aumenta conforme os anos passam, e a titulação de suas terras, continua indefinida.

Partindo de um realismo mágico brasileiro, que evidencia o caráter telúrico da vida em comunidades interioranas do país, o romance conseguiu estourar a bolha da consumação estritamente ligada ao público jovem ou universitário, ainda que seja essa parte da sociedade que constitui em grande parte o seu público.

Conduzindo quem lê através de passagens muito claras e didáticas, o autor parece sentir a necessidade de fazer do didatismo uma das principais formas de entrar em contato com a experiência do leitor, que pouco parece se surpreender durante toda narrativa. Isso acontece também neste presente trabalho. Acreditamos que esse excesso de didatismo advém da inabilidade ao tratar uma informação, ainda que o assunto seja potencialmente interessante. No entanto, este trabalho e o livro de Itamar, retrata e problematiza questões fundamentais acerca da formação contemporânea do Brasil, e das suas problemáticas em relação ao trabalho, às questões de classe, raça e gênero e espaço. Esse mérito parece ficar ainda mais consolidado, no caso do romance, quando percebemos que essas questões puderam ser lidas por quase um milhão de leitores no Brasil, que podem ter mais alguns exemplos em seus repertórios intelectuais. Mas isso basta?

Por conta da convivência com a população e também se valendo de suas bases teóricas advindas do serviço público, o autor parece ter captado profundamente as dinâmicas e os problemas da comunidade da luna, fato razoável a se pensar, dado a necessidade de o mesmo fazer isso não apenas para se inspirar, mas principalmente porque esse era seu papel e o seu trabalho enquanto um servidor público. Sua tarefa foi a de justificar para o sistema e para o governo, que no geral não faz questão de investir naquilo que não considera prioridade, que aquela comunidade deveria ser reconhecida e regularizada, buscando a titulação do território para os moradores.

Os problemas da comunidade de Água Negra não parecem ter acabado ao chegar no final do romance. Quando percebemos que foi Belonísia que matou o dono da fazenda, e que mesmo assim a violência policial aumentava, que os técnicos chegavam sem prazo de resolução, e os moradores se dividiam perdidos entre a luta através de meios distintos, percebe-se que tal situação, por sua complexidade, não é resolvida apenas derrotando a figura central de seus opositores. Para a luna acontece a mesma coisa, dado ao fato de que mesmo após a regularização ser considerada pelo governo e ratificada no Diário da União, as lideranças quilombolas permanecem sendo assassinadas, e suas famílias constantemente assediadas pela polícia, pelos agricultores da região, e também pela falta de compromisso público.

Itamar concluiu sua tese antes de presenciar inúmeras situações de violência que acabaram por envolver a comunidade da luna, e que foram tratadas previamente no trabalho através da análise das fontes. Tais fontes discutiam se o assassinato das lideranças da luna e de demais comunidades quilombolas havia de ser conectado com as disputas de terra na região, ou com o tráfico de drogas. Não comentou isso em sua tese, mas narrou o episódio em seu romance. A morte de Severo, com oito tiros dados pelas costas, punição por lutar contra a hegemonia do agronegócio na região, tem os mesmos elementos do caso no qual uma liderança da luna foi assassinada com tiros em 2017, cujos atiradores, avistados fugindo em um carro preto de vidros escuros, jamais foram encontrados, nem pela polícia, nem por ninguém.

É possível concluir a partir da análise dessa questão que o livro *Torto Arado* não tem apenas conexões com aquilo que foi tratado em sua tese, mas também com a situação que a comunidade se viu após a conclusão de seu trabalho acadêmico, e do progressivo abandono estatal, após a retirada dos trabalhadores do INCRA e dos demais órgãos competentes do campo e do território da comunidade. Itamar parece estar ciente do que está acontecendo com a comunidade da luna após seu trabalho por lá chegar ao fim, e mesmo assim, não parece estar muito interessado em levar essa questão para os grandes meios de mídia e comunicação. Isso ocorre mesmo sendo uma pessoa frequentemente entrevistada, ou mesmo tendo acesso direto à mídia por ser colunista da Folha de São Paulo. Na verdade, buscando sermos criteriosos, separamos as três ocasiões onde o nome da comunidade foi citado por Itamar na Folha de São Paulo, ainda que de forma rasa e insatisfatória.

Em Artuni (2021), o jornalista escreve uma reportagem sobre a entrevista que Itamar concede a Marcelino Freire, escritor Pernambucano. Tanto a reportagem

quanto as falas de Itamar parecem evidenciar o caráter extraordinário do livro, que entre outras coisas, devolve a vida para a personagem Santa Rita Pescadeira, após perceber que ninguém lembrava na encantada da luna, citada enquanto lugar onde Itamar fez sua tese de doutorado, e apenas isso.

Em sua própria reportagem, Itamar (2023) dá adeus e celebra a vida de Mãe Bernardete, matriarca religiosa que conheceu fazendo seu trabalho no INCRA antes de ser famoso e premiado. Dedicou duas linhas da reportagem para dizer como esse não era um caso isolado, afinal, luna, outra comunidade quilombola nos entornos da Chapada Diamantina, também havia sofrido um atentado no passado.

Numa próxima e última oportunidade, Itamar (2024) parece ter aprendido a lição, e fez uma pequena autocrítica. Ao escrever sobre o porquê de ele permanecer escrevendo, aproveitando o espaço para fazer propaganda de Torto Arado e sua adaptação teatral, diz que recebeu uma ligação da professora da escola da comunidade da luna, que havia tido a casa onde morava completamente incendiada. Cita também que havia sido nessa professora que Bibiana havia sido inspirada. O autor posteriormente cita que, enquanto escrevia o romance, viu a comunidade sofrer um grande atentado, onde seis pessoas foram assassinadas numa chacina, e que nem mesmo sua literatura pôde ajudar no impedimento da tragédia.

Sete anos após a publicação de sua tese, e cinco anos após a publicação de seu romance, Itamar Vieira Junior parece estar, de forma embrionária, começando a colocar a luna em seus discursos, utilizando de sua voz não emudecida para democratizar o saber acerca das lutas e das fragilidades da comunidade. Esse parece ser um mérito, tal qual o comentado anteriormente, sobre o recorte temático de seu livro. No entanto, até mesmo esse suposto mérito deve ser analisado, problematizado e colocado em seu contexto. O mercado editorial brasileiro vem finalmente reconhecendo o trabalho de escritoras e escritores negros, e tratando o direito dessas pessoas de serem ouvidas e lidas enquanto uma onda, uma moda literária, que não sabemos quanto tempo vai perdurar.

Fabiana Moraes, mulher negra, Professora Universitária e Jornalista, escreveu para o jornal Intercept Brasil uma reportagem que problematiza essa onda ou moda literária citada no parágrafo acima, além de questionar também o romance de Itamar, o autor, e suas posições, bem como os dizeres comumente vinculados a ele. Bem conhecido por não reagir bem perante as críticas negativas, o autor baiano havia chamado a jornalista no bate-papo privado do Facebook, dizendo que a mesma

estava sendo racista com ele, por ter tido a pachorra de dizer em seu Twitter que, apesar de ter gostado do livro, reconhecia que ele havia sido didático demais, e isso a incomodava. Isso significou um ataque pessoal para sua pessoa, uma personalidade literária famosa e premiada.

Na mesma postagem em seu Twitter, Fabiana também ressaltou que, em sua opinião, grande parte do sucesso entusiasmado advinha da análise socioeconômica do mercado editorial, que estava tardiamente reconhecendo que pessoas negras produzem literatura, quase enquanto uma forma de apaziguar a consciência das pessoas brancas (MORAES, 2021). Itamar, ao ter cerceado o diálogo da jornalista ao provocar uma conversa unilateral, não respondendo ao pedido de desculpas da jornalista, cortou a língua da mesma e a calou, ou pelo menos tentou. O pedido de desculpas, que não foi um pedido de licença para discordar, não foi ouvido pela mesma pessoa que escreve sobre mulheres negras e fortes que deveriam ter espaço e agência. Por isso Fabiana decide escrever publicamente um manifesto de que o diálogo deve ser mantido enquanto necessidade primária, para que as pessoas oprimidas pelo sistema não passem a se digladiar, e que a luta racial seja travada de forma interseccional, aglutinando a luta de classes com as lutas de gênero num único propósito.

Dito isso, concluímos que a tese de doutorado do autor, publicada com ônus para a autarquia onde o mesmo trabalhava, tem relações profundas com o seu romance, tanto tematicamente, quanto na forma de tratar as informações e os eventos. De forma didática e bastante repetitiva, tese e romance tratam de uma comunidade muito complexa e plural, que teve seus temas e seus eventos recortados e narrados de forma acadêmica e poética, ora visando justificar para o tolo sistema a importância daquele pedaço de terra, ora visando narrar de forma poética e por vezes muito pomposas e cerimoniais, os atos do cotidiano de uma comunidade que luta pela aquisição de seus direitos e de sua voz. Mesmo assim, quando confrontado, seu *Deus ex machina* é apontar a pessoa que o criticou enquanto racista, seja ela branca como Lígia Diniz (BELÉM, 2023) ou negra como Fabiana Moraes.

Ademais, percebemos que por trás de toda a grande e importante temática tratada no romance, marca registrada de seu grande sucesso, há pouco da inata criatividade e do talento do gênio literário apontado por muitos, e muito do embasamento científico que obteve em sua pesquisa, bebendo da fonte antropológica que foram suas próprias vivências quando em contato com a vida na comunidade.

Esse fato demonstra, nesse caso, a inseparabilidade não apenas da obra e do seu contexto, mas da inexorável presença do saber produzido cientificamente num romance literário de grande fama pública, esse sim considerado um grande mérito do autor, que conseguiu extrapolar as barreiras teóricas e metodológicas da academia e fazer a extensão desse conhecimento para o grande público, não fugindo da provocação de que grande parte de seus leitores ainda permanecem pertencentes dessa realidade recortada pela classe e pela raça.

Não obstante, evidenciamos que o sistema tem falhado na execução da proteção do povo da luna, tendo em vista que a maré de violências na comunidade aumentou desde o momento que o INCRA apareceu em seu território. Isso acaba se tornando mais um clássico do *modus operandi* do Governo Brasileiro, que assim como promulgou a exclusão da escravidão em sua forma legal e depois abandonou as pessoas em péssimas condições, entraram na comunidade da luna através de decretos, financiaram os relatórios para suas regularizações, permitiram uma pesquisa de doutorado junto à população, e após isso deixaram o povo sobre seus próprios cuidados. Mesmo sabendo que cada vez mais seria necessário a atuação dos órgãos competentes para garantir a segurança e os direitos da população, essa foi e é a forma de atuação governamental atual, deixando a comunidade ficar cada vez mais à mercê da própria política local, formada como evidenciamos anteriormente, por donos de terra que tem o território da comunidade em sua posse legal.

REFERÊNCIAS

ARTUNI, Henrique. A literatura pode dar vida às histórias improváveis, afirma autor de 'Torto Arado'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/06/a-literatura-pode-dar-vida-as-historias-improvaveis-afirma-autor-de-torto-arado.shtml>. Acesso em: 22/03/2024.

BAHIA. **Câmara Municipal de Lençóis**. Seção de vereadores. Disponível em: <https://camaradelencois.ba.gov.br/vereadores/> Acesso em: 29/02/2024.

BELÉM, Euler de França. Lígia Diniz faz crítica de romance de Itamar Vieira, que reage mal e leva puxão de orelha de Aqualusa. **Jornal Opção**, 11 jun. 2023. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/ligia-diniz-faz-critica-de-romance-de-itamar-vieira-que-reage-mal-e-leva-puxao-de-orelha-de-aqualusa-498210/>. Acesso em 26/03/2024.

BITTENCOURT, Mário. Seis quilombolas são mortos a tiros em área de disputa na Bahia. **UOL**, Vitória da Conquista, 08 de agosto de 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/08/seis-quilombolas-sao-mortos-a-tiros-em-area-de-disputa-na-bahia.htm>. Acesso em: 22/02/2024.

BRASIL. Superintendência Regional da Bahia. Edital de Regularização Fundiária. **Diário Oficial da união**. Seção 3. Nº 223. Brasília, DF, 23 de nov. 2015.

_____. Conselho Diretor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Resolução nº 22, de 3 de outubro de 2018. **Diário Oficial da União**. Seção 1. Nº 196. Brasília, DF, 10 de out. 2018.

CHAPADA: Em Lençóis, comunidade quilombola relatada em premiado livro sofre com invasões violentas e incêndios criminosos. **Jornal da Chapada**. 01 de Fevereiro de 2024. Disponível em: <https://jornaldachapada.com.br/2024/02/01/chapada-em-lencois-comunidade-quilombola-relatada-em-premiado-livro-sofre-com-invasoes-violentas-e-incendios-criminosos1/>. Acesso em 22/02/2024.

DOMÉSTICA resgatada após passar 26 anos em condições análogas à escravidão é indenizada em Belém. **G1 Globo**, Belém, 28 jul. 2022b. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/07/28/domestica-resgatada-apos-passar26-anos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-e-indenizada-em-belem.ghtml>. Acesso em: 04/03/2024.

DOMÉSTICA resgatada após passar mais de 4 décadas em condições análogas à escravidão foi vendida pelo próprio pai quando tinha 11 anos. **G1 Globo**, Recife, 1 jul. 2022a. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/07/01/domestica-resgatada-apospassar-mais-de-4-decadas-em-condicoes-analogas-a-escravidao-foi-vendida-peloproprio-pai-quando-tinha-11-anos.ghtml>. Acesso em: 04/03/2024.

ENTIDADES e movimentos discutem massacre de luna, em Lençóis (BA): Relação com o tráfico ou conflito agrário? **Comissão Pastoral da Terra**. 30 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/acoes-dos-movimentos/4012-entidades-e-movimentos-discutem-massacre-de-luna-em-lencois-ba-relacao-com-o-trafficou-conflito-agrario>. Acesso em 22/02/2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FRAGA FILHO, Walter. Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no recôncavo baiano após a abolição. 2010. **Cad. AEL**, 14(26):95-130.

HERCOG, Bruna. Mineração, extração vegetal e especulação imobiliária ameaçam Serra da Chapadinha, na Bahia. **Brasil de Fato**. Salvador – BA. 01 de ago. de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/01/mineracao-extracao-vegetal-e-especulacao-imobiliaria-ameacam-serra-da-chapadinha-na-bahia>. Acesso em: 04/03/2024.

LIVRO de autor baiano é indicado a prêmio internacional de literatura; 'Torto Arado' já vendeu mais de 800 mil cópias. **G1 BA**. 12 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/03/12/livro-de-autor-baiano-e-indicado-a-premio-internacional.ghtml>. Acesso em: 15/03/2024.

MARCELO, Carlos. Premiado em Portugal, 'Torto arado' encanta também os leitores brasileiros. **Estado de Minas**. 02 de out. de 2020. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/10/02/interna_pensar,1190833/premiado-portugal-torto-arado-encanta-tambem-leitores-brasileiros.shtml. Acesso em 29/02/2024.

MARKO, Katia. Autor de 'Torto Arado' diz que 'ficção nos coloca no lugar do outro e ajuda a compreender a sua dor'. **Brasil de Fato**. Porto Alegre, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/16/autor-de-torto-arado-diz-que-ficcao-nos-coloca-no-lugar-do-outro-e-ajuda-a-compreender-a-sua-dor>. Acesso em 29/02/2024.

MARQUES, Hiorana Nascimento. Resenha crítica de Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. **Revista ao pé da letra** - UFPE. V. 23, n. 2. Recife. 02 de jul. de 2021.

MORAES, Fabiana. 'Ter medo de que, Fabiana?': uma reflexão sobre minha avó, 'Torto arado' e uma língua apunhalada. **Intercept Brasil**, 23 fev. 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/02/23/reflexao-minha-avo-torto-arado-lingua-apunhalada-itamar-vieira-junior/>. Acesso em: 22/03/2024.

PORFÍRIO, Tamis. A Cor das Empregadas: a invisibilidade racial no debate do trabalho doméstico remunerado. Belo Horizonte: **Letramento**; Temporada, 2021.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In_____. (Org.). **Fiéis e Cidadãos**: Percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro. Ed: UERJ, 2001. p. 9-57.

SOUZA, Roberta. Resgatada de condição análoga à escravidão, empregada quis saber com quem a idosa que cuidava ficaria. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 set. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/09/07/resgatada-de-condicao-analoga-a-escravidao-empregada-quis-saber-com-quem-a-idosa-que-cuidava-ficaria.ghtml>. Acesso em 04/03/2024.

RIOS, K. S. . Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na seca de 1932. 1. ed. Fortaleza: **Imprensa Universitária**, 2014. v. 1. 144p .

RODRIGUES, Basília. Polícia Federal prende três suspeitos do assassinato de Marielle Franco. **CNN Brasil**, 24/03/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-federal-prende-suspeitos-do-assassinato-de-marielle-franco/#:~:text=Segundo%20fontes%2C%20entre%20os%20presos,Moraes%2C%20Odo%20Supremo%20Tribunal%20Federal>. Acesso em: 26/03/2024.

RODRIGUES, Izabella de Oliveira. Resenha de Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. **RURIS**, Campinas, SP, v. 13, n. 01, p. 117-122, mar. 2021

RODRIGUES, Thayná. Produção da série 'Torto arado' busca elenco em região da Bahia. **O GLOBO**. 21 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/kogut/series/noticia/2022/09/producao-da-serie-torto-arado-busca-elenco-em-regiao-da-bahia.ghtml>. Acesso em: 15/03/2024.

SPERB, Paula. Quem é Marcelo Labes, autor premiado que mostra lado pobre e atroz do Sul do país. **Folha de S. Paulo**. Porto Alegre. 29 de jan. 2021. Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/01/quem-e-marcelo-labes-autor-premiado-que-mostra-lado-pobre-e-atroz-do-sul-do-pais.shtml?origin=folha>. Acesso em 29/02/2024.

TOLENTINO, Luana. O Brasil profundo em Torto arado, de Itamar Vieira Junior. **LITERAFRO** - UFMG. Belo Horizonte, mar. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/1465-itamar-vieira-junior-torto-arado>. Acesso em: 15/03/2024

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Entrevista ao Programa Roda Viva. **TV Cultura**. Fevereiro de 2021.

_____. Escrever para quê? **Folha de São Paulo**, 03 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2024/02/escrever-para-que.shtml>. Acesso em: 22/03/2024.

_____. Mãe Bernadete, presente! **Folha de São Paulo**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2023/08/mae-bernadete-presente.shtml>. Acesso em: 22/03/2024.

_____. "**Trabalhar é tá na luta**": vida, morada e movimento entre o povo da Luna, Chapada Diamantina. 300 f. Tese (Doutorado - Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

_____. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019. 262p.